Unidade alemã assinada em Berlim

Carlos Martins
em Bona

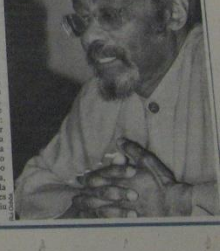
Reforma económica 'aquece' URSS

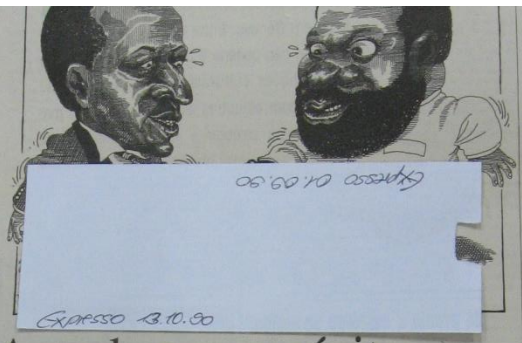
John Rettie
em Moscovo

Praias

Mário de Andrade: morreu o pai do MPLA

Manuel Delgado





06.60.40 assinatura

EXPRESSO 13.10.90

Angola: a propósito das negociações de paz

É UMA responsabilidade política elevada negociar o fim de um conflito político-militar cujas proporções atingiram consequências extremamente catastróficas. Nisso, a atitude de todos os angolanos, jovens, velhos e com maior incidência a juventude estudantil angolana, tem de ser de um incessante pronunciamento sobre o curso dos acontecimentos no nosso país e sobretudo sobre o processo de negociações em curso para que, num esforço conjugado, vejamos em breve encerrado este capítulo sangrento da história angolana.

Assim, ressalta com evidência e naturalidade, a questão de quais os obstáculos responsáveis ainda pelo prolongamento das hostilidades militares para que uma negociação chegue a bom termo. Para se registarem substanciais progressos terá que existir um grande espírito de abertura que propicie e possibilite que se efectuem concessões mútuas. Nisso, o mundo sabe que a UNITA já demonstrou grande abertura para que se possa avançar depressa para a paz, ao reconhecer este actual estado que tem governado o país. Mas, a atitude do MPLA PT é de escudar-se em argumentos estéreis e caducos de natureza jurídica medieval, rejeitando dar o passo de reconhecer a UNITA como oposição oficial ao regime instalado. Um sistema fechado como é o actual MPLA PT instalado em Angola, produz logicamente uma razão fechada e, a razão fechada ignora profundas parcelas da realidade. Eduardo dos Santos,

A UNITA há anos que tem dito alto e bom som que só um sistema político multipartidário pode fazer de Angola um país próspero e desenvolvido, de modo a encerrar um capítulo sangrento da história angolana e ultrapassar o estado caótico em que se encontra

Adalberto C. Santos*

Presidente do MPLA PT afirmou recentemente que, agora, o multipartidarismo era possível, porque só agora houve uma evolução do pensamento político nos quadros do MPLA PT.

É visível que, só depois de realmente verificarem o estado caótico em que o país se encontra, fruto do sistema monopartidário que instalaram e vangloriaram, reconhecem que havia falta de uma evolução do pensamento político. A UNITA há anos que tem dito a alto e bom som que só um sistema político-multipartidário pode fazer de Angola um país próspero e desenvolvido. Actualmente, certos dirigentes africanos adoptam alguns movimentos apressados e precipitados, ao falarem de multipartidarismo e ao reconhecerem a clarividência e coerência política do Presidente da UNITA, Dr. Jonas Malheiro Savimbi, que é hoje unanimemente considerado e reconhecido como o grande arquitecto da autêntica democraticidade africana.

Actualmente é igualmente demonstrável através de argumentos avançados que, politicamente, o MPLA PT reconhecerá, pela força da evidência dos factos, a UNITA como oposição oficial ao actual regime em Angola. Os juristas do MPLA PT, após analisarem o seu sistema jurídico, apresentam-no sob uma forma monista. Isto porque o identificam com o Estado. A sua lógica jurídico-constitucional e racional está presa ao monopólio legislativo do Estado.

Mas a realidade não se compadece com os esquemas mentais; a UNITA está largamente implantada no território angolano e esta é uma realidade que só não se vê por miopia mental. As leis vigentes no vasto espaço territorial controlado pela UNITA não são as leis do actual Estado angolano.

No território sob controlo da UNITA, as instituições políticas, administrativas, militares e civis têm um pleno e normal funcionamento. Isto porque a UNITA tem um programa político-económico-social para o país diferente do que é seguido pelo MPLA PT, bem como detém uma política externa dinâmica com corpos diplomáticos em muitos países do mundo. O seu forte e organizado Exército garante o bem-estar das populações e o funcionamento das instituições; as suas escolas formam os seus próprios quadros. Mesmo no exterior, existe um número elevado de estudantes enquadrados na UREAL (União Revolucionária dos Estudantes de Angola Livre), organização de estudantes da UNITA, que fazem dos seus estudos um propósito nacional. Mas, a UNITA considera que o país não pode viver nesta dualidade de sistemas estaduais porque é um país único de Cabinda ao Cunene.

Os angolanos terão pois de formar um todo para poderem erguer a nação num clima de paz, concórdia e unidade nacional. Mas, nunca a paz a qualquer preço, e é sempre bom realçar este aspecto, para que se dissipem equívocos.

Os dirigentes do MPLA PT ainda cegos pelo que significa um sistema fechado do partido único, terão que abandonar esse vírus político que lhes forjou uma visão parcelar e monolítica dos fenómenos sociais. Terão que reconhecer a UNITA como força política de oposição oficial ao regime, e alterar radicalmente o quadro constitucional e jurídico existente, pois sem esses passos nada restará aos angolanos se não a alternativa de continuar a lutar e resistir às leis actuais que arruinaram o país, provocando o sofrimento a milhões e a riqueza de um punhado.

** Presidente da UREAL (União Revolucionária dos Estudantes de Angola Livre), organização da UNITA em Lisboa*

SÃO grandes figuras da História os homens que souberam compreender e bem interpretar os problemas do seu tempo e encontar para eles soluções adequadas e oportunas. Jean Monet, ao lançar os alicerces para a construção da Europa, foi sem dúvida um deles. Não se conhece o ponto de chegada, que caminhos seguirá a construção europeia, nem quais serão as suas implicações e os seus reflexos, mas sabe-se que a União Monetária já está apenas pendente de uma controvérsia de velocidades e que a União Política vai ser necessariamente qualquer coisa mais do que uma simples coordenação intergovernamental. O conflito no Golfo já mostrou a dificuldade existente em coordenar as políticas externas e de Segurança dos Doze.

A concretização dos ideais de Jean Monet confrontou-se, logo à partida, com a existência de desconfianças e ressentimentos atávicos, pretensões hegemónicas com raízes profundas, diferenças notáveis nos níveis de desenvolvimento, forte agressividade concorrencial, contrastes sociais muito apreciáveis. Mas teve a apoiá-la uma real e premente necessidade de garantir a estabilidade na expansão económica, o equilíbrio nas trocas comerciais e a lealdade na concorrência, de promover a melhoria das condições de vida e de trabalho, de assegurar a manutenção da paz e da democracia. E, porque não dizê-lo, o desejo de reduzir as desigualdades entre as diversas regiões e o atraso dos menos favorecidos.

Para Carlos Pimenta (EXPRESSO, 90.07.28), Jean Monet estava correcto ao pôr a União Política a par da União Económica, pois apenas a integração política da Comunidade pode garantir a responsabilização das instituições comuns pelo cumprimento dos objectivos gerais europeus. No entanto, o ministro Robert Schuman, a quem coube o histórico papel de concretizar os ideais de Monet, esforçou-se por definir, com muita prudência, uma estratégia **«funcionalista»** que nada tinha a ver com a concepção **«constitucionalista»** de instituir sem demora uma organização política do tipo federal.

Monet e Schuman sabiam que a evolução política da Europa tinha de avançar suavemente, baseada nos princípios da «solidariedade» e da «subsidiariedade». Para criar uma união política europeia é necessário criar entre os estados-membros uma «solidariedade de facto» através das realizações concretas e pro-

Angola: 800 mil nos limites da sobrevivência

UMA população calculada em cerca de 8 milhões de pessoas, 800 mil encontram-se nos limites da sobrevivência e 400 mil estão numa situação de carência séria. O número de mutilados, sem qualquer possibilidade de reintegração sócio-profissional e a viver de esmolas, é incalculável — só no Huambo (um dos palcos da guerra) são 30 mil e no «quilómetro 37» da estrada Luanda-Barra do Cuanza (outrora utilizado como estância de repouso dos colonos) há mais 5 mil, ex-guerrilheiros. Quanto aos refugiados, na memória só conservam o barulho das metralhadoras e o estrebuchar das minas, são já dezenas de milhares.

É este o retrato de Angola, um dos países mais pobres do mundo, com uma das maiores taxas de mortalidade infantil e uma situação de fome generalizada. Só na capital, 92 mil crianças não foram à escola este ano, entre as quais 50 mil que não puderam iniciar a instrução primária.

Estes dados vêm invariavelmente referidos nas publicações e nos relatórios regulares das organizações humanitárias internacionais.

O Comité Internacional da Cruz Vermelha já assistiu nesse ano 400 mil pessoas exremamente necessitadas no planalto central angolano, para onde enviou mais de 6 mil toneladas de víveres.

Isto apesar de Angola ser um país rico: produz diariamente mais de 500 mil barris de petróleo, que representam 2 mil milhões de dólares anuais (valor que aumentará este ano devido ao aumento do preço do «crude»), os diamantes têm uma produção de cerca de 900 mil quilates e as receitas dos sectores não petrolíferos (incluindo o café) ascendem a 400 milhões de dólares.

O Cuando Cubango (a região tradicional dos rebeldes) é uma das áreas mais sinistradas pela fome e um dos actuais corredores de socorros da ONU parte da Zâmbia para o Sul do Moxico, uma zona controlada pela UNITA. É também sintomático que a Jamba (o «bastião sagrado da UNITA») seja já um pólo de atracção para as populações que, nas zonas dos rebeldes, não têm que comer e que os manuais da UNITA consagrem o princípio da necessidade da expulsão dos excedentários da sua capital.

O Comité Internacional da Cruz Vermelha tem tido nessas zonas uma presença muito activa, assistindo já 10 mil pessoas no leste do Cunene e a norte de Mavinga (onde pensa haver 120 mil pessoas seriamente necessitadas e extremamente isoladas).

Setenta por cento do orçamento de Estado é consagrado à guerra, que atira para as frentes de combate dezenas de milhares de jovens e outro número incalculável para o exílio em Portugal, Zaire e Zâmbia.

Sobrepovoamento, doença... e fome

A fome, que se tem instalado em todas as províncias do país desde 1975, é provocada sobretudo pela quebra da produção comercializável em 90 por cento. Devido à guerra, as deslocações forçadas e a desorganização em todos os sectores produtivos obrigaram a população camponesa angolana a viver abaixo mesmo da auto-subsistência, situação ainda agravada pela impossibilidade de se deslocar às lavras, por os caminhos terem sido minados pela UNITA, pelas FAPLA e pela África do Sul.

Uma das consequências foi a deslocação em massa para o litoral, que provocou uma grande crise de sobrepovoamento, especialmente na área de Benguela, uma das mais afectadas pela fome, onde a população só já tem raízes para comer. A seca, que vai já no quarto ano e atinge sete províncias do país, está a vitimar três milhões de pessoas. Os rios de curso permanente não estão secos (casos do Catumbela, Kuporolo, etc) e a água chega ra se não fosse o afluxo e a concentração da população, que arrasta também um número incalculável de gado, já com 1 milhão e 500 mil cabeças mortas.

A doença instalou-se um pouco por toda a Angola. A malária cresceu 4,5 por cento desde o ano passado e as diarreias 13,8 por cento (a taxa de mortalidade desta doença é de 44,75 por cento). A cólera faz todos os anos milhares de vítimas. A tudo isto não são alheios os graves problemas sanitários devido à falta de água, provocada pelo abaixamento do leito dos rios ou pela sabotagem da UNITA.

Mas não é só no campo que há fome. Na própria capital, hoje uma cidade com dois milhões de habitantes completamente desorganizada, há bairros, como os populosos Cazenga e Golfe, onde a situação de fome se equipara à das zonas mais carenciadas e onde os hospitais estão superlotados de crianças subnutridas e doentes.

Este é o cenário que levou um grupo de angolanos e portugueses a lançar uma campanha de socorros às vítimas da fome em Angola. Lançada em Lisboa na passada terça-feira e patrocinada por Mário Soares, a campanha recebeu «luz verde» das partes envolvidas no conflito angolano e conta com o apoio da poderosa Igreja Católica angolana, para além da Cruz Vermelha Portuguesa, da Gulbenkian e da Caritas.

Mário Soares caracterizou a campanha como não partidária e não política, de carácter humanitário. Em suma, uma **«manifestação de solidariedade e amor dos portugueses para com os angolanos».**

Dois milhões de pessoas vivem numa situação de carência séria devido à interminável guerra civil em Angola

Afastar a campanha do contexto político

Contrastando com as intenções do Presidente português, algumas organizações políticas angolanas estão a tentar energir à sombra da campanha. Na opinião de um angolano ligado à operação, ela «deve ser apoiada com entusiasmo, mas isso não obsta a que se critique a politização que alguns grupos políticos angolanos estão a tentar fazer desde o início». Não se explica, por exemplo, «que na mesa de honra do lançamento da campanha estivessem representadas organizações políticas angolanas»

Vítor Ramalho, um dos coordenadores da operação, realçou a característica humanitária da campanha, salientando que qualquer aproveitamento político-partidário da mesma, seja por portugueses seja por angolanos, «não será tolerado».

Uma fonte dos sectores independentes angolanos defende que «as organizações não governamentais e personalidades a título pessoal deviam entrar mais activamente na campanha, a fim de não se capitalizar a operação de socorros para fins político-partidários». A campanha também não deveria circunscrever-se a Portugal e Mário Soares já contactou organizações suecas. Mas, segundo a mesma fonte, **«um papel importante devia ser atribuído a organizações de outros países, com uma vasta experiência na área, ficando Portugal com a coordenação da campanha».** E conclui: **«Ou se conseguem resultados extraordinários, acima dos 20 milhões de dólares, ou não vale a pena avançar com distribuições que nada vão resolver».**

Para acabar com o problema da fome da população angolana, insistem os sectores independentes, é necessário antes de tudo a paz. **«Por mais campanhas bem latecionadas de socorros que haja (e recorde-se que a Caritas angolana faz distribuições todos os dias e o Comité Internacional da Cruz Vermelha já distribuí socorros em Angola desde 1980, tendo mesmo escritórios no Huambo e no Bié), a situação não mudará enquanto a guerra não acabar».**

A tónica das cartas que Mário Soares endereçou ao Presidente angolano e ao líder da UNITA, pedindo-lhes o beneplácito para esta campanha, foi também o apelo à paz.

É a oportunidade, concluem os meios independentes angolanos, de se levar a campanha mais longe, lançando-se as bases de um **«grande projecto de acção Portugal-Angola»**, que ponha nas mãos dos camponeses angolanos sementes, adubos e ferramentas individuais.

Rui Ramos

Sonangol solicita adiantamentos em petróleo

(Continuação da 1ª página)

...plina. «Vai ser um parto ...bo» difícil para alguns ...bitantes históricos do ...PLA, apegados durante ...tos anos à utopia e ao ...egalitismo da última tentação do socialismo», disse-

...mente de continuar a funcionar a reboque das reformas que acontecem a Leste.»

«Guerra surda» nos petróleos

...ris/dia da Sonangol, através das quais garantia a aquisição de bens para abastecimento às Forças Armadas e à população.

Segundo apurou o EXPRESSO junto da direcção da OBC, a partir de 15 de No-

Ruanda

Os refugiados que ninguém quer

O GOVERNO ruandês, do Presidente Habyarimana, recusa o regresso de dezenas de milhares de tutsis refugiados nos países vizinhos desde as guerras tribais dos anos 60, enquanto os estrangeiros continuam a abandonar o «país das mil colinas», receando novos confrontos entre rebeldes e forças governamentais.

Os sublevados aceitaram o cessar-fogo proposto pelo Governo de Kigali, enquanto o problema dos refugiados não for resolvido.

O acordo de princípio para pôr fim ao conflito, que eclodiu no início de Setembro, foi alcançado com a mediação da Bélgica e do Presidente do Uganda e da OUA, Yoweri Museveni. Este último avisou os refugiados ruandeses, de etnia tutsi, que desertaram do Exército ugandês para participar na rebelião, que seriam presos e julgados

ional (CVI). «**para esenvolvam esforços s autoridades militaentido de se saber qual eiro dos jovens**». Tonforme sublinhou a ite, a missão da CVI em ue **é totalmente conpelos indonésios, temado a dar qualquer** ».

de-se que estas detenheçaram a ser efectuaite, por elementos masda INTEL, após uma ação organizada em ia 15 de Outubro, conença indonésia na antia portuguesa, e convocada por estudantes d estatal de Fatuhada e d nato de S. José, perto diocese, conforme o E SO noticiou.

Três dos detidos so Alin, Abílio Ximen vid da Conceição — **ramente agredidos próprias casas na p dos familiares**», forn nados no Hospital Mil ne em Dili. A nossa fon que «**agora tememos militares os utilizem denunciadores, para darem posteriorme a desculpa de 'mor ral'**».

Biblioteca

sa)
Biblioteca, Leonor
s problemas sala- o de o orçamento uído em Junho de de uma nova tabela embro, o que obri- despesas salariais. o a sub-secretária assumir, ao EX- a de um problema mente, especificar s dívidas: «**É um** nfrontada com os para uma situação optou por afirmar, **a situação não é alarmante**». Com um orçam 1990 inferior ao de 1989 em 7 (sem contar a inflação), a Bibli cional está em situação de rup dade que se manterá no futur o orçamento previsto para 19 mil contos, o que, na prática, uma diminuição em relação ao

Mas se a situação em relaçã rios se resolveu à última hora, não se observa quanto aos outr mas, nomeadamente a conse largos milhares de livros, mu exemplares valiosos, que, dad ciente conservação, correm o tornarem definitivamente im veis.

PRESA DE CONSTRUÇÃO CIVIL E E.O.P.

óptima implantação no Algarve, vende totalida parte das quotas. Boa oportunidade. Motivo

Michael He
não disputa
Thatcher a
conservadore
«suspense»
quarta-feira:
da Defesa anu
mente que vai
to alternativo
ministra, nas e
do partido, no
20.

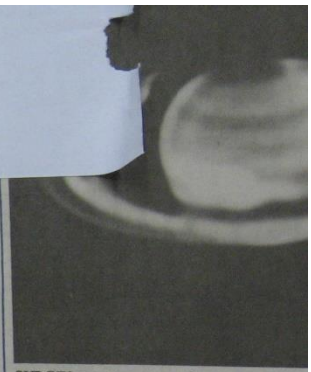
Expresso 17.11.90

MPLA: ameaçada ala conservadora

Gustavo Costa
em Luanda

A ALA conservadora do MPLA poderá ter conhecido esta semana um novo revés na sessão extraordinária do seu Comité Central, ao ver passar as novas bases gerais, a submeter ao congresso de Dezembro, do futuro estatuto e programa político, económico e social do partido, na perspectiva da sua provável reconversão à ideologia social-democrata. Os novos mecanismos de eleição do futuro Comité Central do MPLA com a apresentação de duas listas, constituíram igualmente matéria dominante da reunião que, em vésperas do seu Congresso, constatou a falta de consenso em redor das figuras de alguns candidatos para preenchimento das 100 candidaturas inicialmente previstas. Segundo uma fonte afecta à preparação do Congresso afirmou ao EXPRESSO, 60 por cento dos actuais membros do Comité Central deveriam ser eleitos, contra 40 por

(Continua na página 15)



SURGIU recentemente em Saturno uma mancha branca, semelhante à conhecida «Mancha Vermelha» de Júpiter, que, tal como esta, deve ter tido origem numa violenta tempestade na atmosfera do planeta, que fez elevar nuvens das camadas inferiores para as regiões superiores.

O Observatório Meridional Europeu, que tem acompanhado e fotografado o fenómeno desde a sua descoberta, revelou que a mancha começou por um pequeno ponto no hemisfério Norte e tem

vindo
quase
neta.
Fora
cas»
e 19
volvi
riore
dura
segu
dest
quar

Mulheres sauditas não guiam

Franziska James
em Darham

O DIÁRIO «Gazeta Saudita» afirmava, na quarta-feira: «**As mulheres não devem conduzir**». Era o título de uma notícia sobre um comunicado do ministro do Interior, que proibia as mulheres de conduzir, ameaçando-as com penas de detenção, se desobedecessem à proibição. O comunicado, que represen-

servar a santidade das mulheres».

Que, na Arábia Saudita, a mudança não é fácil foi um aspecto que as mulheres deste país descobriram nas duas últimas semanas. A reivindicação pública ao direito de conduzir um automóvel resultou num sério revés, neste reino do deserto, onde a igualdade entre os sexos é rigorosamente proibida e onde as mulheres raramente são vistas em público de rosto descoberto.

A coluna de viaturas que desfilou nas exige que conflitos deste tipo sejam resolvidos sem alaridos e longe das vistas do público. Desta vez, porém, as mulheres sauditas, talvez encorajadas pelo exemplo das mulheres-soldados americanas, ao volante dos seus «jeeps», e das «irmãs» koweitianas que cruzavam a fronteira, a caminho do exílio, conduzindo os seus carros, acharam que chegara a hora de lutar pela emancipação.

Meia hora após o início da manifestação, a coluna de viaturas foi obrigada a

Antes de serem libertad
assinar uma declaração,
do-se a não repetir seme
desafio.

As mulheres que p
manifestação tinham en
exerciam alguma activid
e eram, na sua maioria,
filhos. Todas eram oriun
veis famílias, perfil qu
mente impossível ver ne
rias empenhadas em de

entanto, Luna admite fazer no futuro alianças com essa ala, mas sem deixar de reivindicar «o direito de participação em pé de igualdade com outras correntes no processo de democratização». É que, esclarece, o MUDAR tem propostas a apresentar, tais como **«o presidencialismo mitigado, a economia de mercado e a democracia consensuada»**.

Americanos querem paz em Angola

Por seu lado, Joaquim Pinto de Andrade, de 63 anos de idade, presidente da **UNITA se vai pôr contra tudo o que Luanda fizer e levantar as maiores dificuldades às medidas de democratização — mas não temos outro caminho senão continuar a apoiá-los»**.

Segundo uma fonte ligada às negociações angolanas, os mecanismos do cessar-fogo e da sua fiscalização — na previsibilidade de aprovação dos documentos que as partes estão a estudar — devem ser da responsabilidade de um grupo constituído pelos Estados Unidos, URSS, Angola e UNITA, coordenados pelas Nações Unidas.

Rui Ramos

política para os políticos, dizendo-lhes o que a lei natural e a lei do Evangelho exigem da consciência dos políticos. Dos que são eleitos e dos que elegem. Quando o socialismo e a social-democracia nasceram já a Igreja existia, e vai sobreviver-lhes, tenho a certeza.

EXP. — Mas como cidadão, tem uma opção política...

A.N. — Sou pela democracia, por eleições pluripartidárias, porque esse sistema é o menos mau, é o que mais se aproxima da dignidade do homem. É o homem que deve determinar o seu próprio destino.

EXP. — Falou em eleições. O Governo de Luanda não gostou da [illegible] pelos 1.300.000 quilómetros quadrados do território angolano — sem contar com a que está fora do país —, as estradas e caminhos estão minados, não se pode viajar. Vai-se destinar num dia? O voto deve ser uma acção livre e consciente. Uma pessoa faminta vende-se a quem tenha kuanzas, dólares ou rublos. É preciso antes de mais que as pessoas possam cultivar para comer e ter que vestir. Sem isso não pode haver eleições.

E há os recalcamentos, os ódios, os receios, quiçá, justificados. Para que as forças espirituais possam levar a alma angolana a reconciliar-se consigo mesma é preciso algum tempo, um, dois, três, quatro anos. Mas quem vai decidir isso [illegible] nunca em substituição das forças políticas. A Igreja, como já disse, não vai fazer política, vai continuar, como o tem feito até aqui, a esclarecer as consciências.

A força da Igreja

EXP. — Mas a Igreja angolana tem muita força e pode fazer pender a balança para um ou para outro lado.

A.N. — A Igreja tem força moral. Mas a força não é nossa. É a confiança que o povo tem em nós e na mensagem de paz e fraternidade.

EXP. — Qual é a verdadeira força da Igreja?

A.N. — O povo sabe melhor que nós. Mais de metade da população angolana é

EXP. — Acredita no homem angolano?

A.N. — O homem angolano tem um conjunto de pontos de partida da mesma ordem que o deveriam tornar particularmente ético para a sociedade nacional e mundial. No aspecto intelectual, a rapidez com que aprende no tocante à sensibilidade, a maneira como responde, tudo isto é um capital que amanhã, se tivermos organizações e chefes à altura, fará de Angola um ponto de referência, não só em África como também no mundo.

EXP. — Mas também temos defeitos...

A.N. — O maior defeito dos angolanos é não acreditarem em si próprios.

R. R.

Angola à conquista da social democracia

(Continuação da 1.ª página)

cento dos novos membros. Admite-se, no entanto, que as vagas deixadas em aberto possam vir agora a ser preenchidas no Congresso Extraordinário de adaptação ao multipartidarismo previsto para depois de Março de 1991.

Impondo, por outro lado, um ritmo de contra-relógio às últimas sessões, o Presidente José Eduardo dos Santos parece apostar de forma decisiva na abertura, socorrendo-se de novos aliados de visão modernista para ir esvaziando por completo, com habilidade e surpresa, os argumentos dos seus adversários. A transformação de Lopo do Nascimento em seu principal aliado, resultou, deste modo, numa espectacular jogada de antecipação e compromissos políticos, que lhe permitiram nesta reunião ver reforçado o seu projecto de reformas para poder enfrentar dentro de quinze dias com um fôlego consensual confortável a última sessão extraordinária do Comité Central e o Congresso.

Lopo do Nascimento, pela sua postura e lucidez, surge agora como **«prisioneiro da dinâmica da recuperação e da mudança política»** que o Presidente José Eduardo dos Santos neste momento pretende acelerar, deixando consequentemente cair velhos aliados atados a um monolitismo político e económico, desajustado da realidade actual do país. Com o horizonte do multipartidarismo definido em termos temporais por Luanda, alguns observadores reconhecem que as últimas movimentações do Presidente angolano lhe permitirão mais facilmente sacudir a pressão interna, demarcando-se, no plano militar, daqueles que advogam a perpetuação da tutela partidária sobre as Forças Armadas e, por outro lado, no plano externo, deixando a UNITA despida de argumentos substantivos uma vez consagrado o multipartidarismo e institucionalizado o Exército único.

A reconversão do MPLA à ideologia social-democrata não está, no entanto, a ser pacífica. Reconhece-se, com efeito, que nem tudo é um mar de rosas para o Presidente angolano, cujo alcance das suas surpreendentes alianças a todos baralha, na complexa esteira de impor uma nova imagem no país. A luta entre a ala dura e a ala reformista é publicamente evidenciada nos últimos tempos pelo contínuo apego dos conservadores à retórica dogmática e populista contida nas suas intervenções.

«À medida que o tempo corre, avolumar-se-ão o desespero e a frustração política de muitos elementos da 'nomenklatura' do regime e da UNITA ante a velocidade de cruzeiro a que são impostas as mudanças no interior e exterior do país» — disse ao EXPRESSO um analista da oposição, para quem os últimos acontecimentos no cenário político angolano, liderados pelo Presidente José Eduardo dos Santos, podem ser o prenúncio de mudanças bem mais profundas a médio prazo. Para alguns observadores, começa a ficar mais nítido o próximo percurso de José Eduardo dos Santos que, ao defender esta semana em Luanda um modelo semipresidencialista para o seu país, deixou escapar as verdadeiras intenções que subjazem à nomeação de Lopo do Nascimento como seu assessor especial para os Assuntos Políticos.

A subtileza emergente desta operação é hoje corroborada pelo acentuar de clivagens entre reformistas e conservadoras, passíveis de, segundo algumas fontes, provocar o nascimento de um novo partido a partir do próprio MPLA. Com efeito, analistas bem posicionados afirmaram ao EXPRESSO que poderá ocorrer a derivação de um partido social-democrata integrando a corrente mais avançada do MPLA. Esta espectacular inflexão de estratégia, de acordo com fontes independentes contactadas pelo EXPRESSO, poderia ter lugar depois de Março próximo, altura em que, num contexto já multipartidário, o MPLA abrir-se-ia a novas correntes.

Em Luanda, admite-se que este seria então o momento ideal para o Presidente José Eduardo dos Santos se afastar e preparar a sua candidatura, assumindo hipoteticamente Lopo do Nascimento a liderança do novo partido que se prepararia para as eleições legislativas tendo em vista a disputa, com êxito, da chefia do Governo. Os dados não são, por enquanto, ainda muito transparentes mas a ofensiva dos reformadores segundo um editorial da ANGOP, **«ganha força no seio do Partido com a tendência favorável à renúncia ao marxismo-leninismo, abrindo caminho para a social-democracia»**. A agência oficial angolana reconhece pela primeira vez que os sectores liberais do MPLA enfrentam a **«resistência das forças conservadoras»** no seu comité central, hoje maioritariamente adepto da instauração da democracia política e da economia de mercado.

Entretanto, foi criada uma Comissão Nacional para rever a Lei Fundamental, constituída por mais de 30 elementos, que mereceu já de muitos observadores uma **«desaprovação silenciosa»**, pois esperavam que ela integrasse outras sensibilidades políticas, figuras da sociedade civil e representantes eclesiásticos. Causou igualmente alguma surpresa a extensão do grupo e a inclusão de um exagerado número de ministros e deputados. Admite-se, no entanto, que outras venham a ser consultadas e que, face à delicadeza e importância suprema da elaboração de uma nova Constituição, Angola venha a convidar constitucionalistas estrangeiros.

LISBOA 6003175
COIMBRA 27446 EXT. 12904 12905 12912
CENTRO de PREVENÇÃO

...enção ...nte

...stigações sobre as activi... ...eclara-se disposto a propor ...de um regime pluripartidário

...de Iafaie de José Pereira (exoficial ministro da Segurança e recentemente preso por corrupção).

Para além de ser agora acusado de ligações com as redes de contrabando que operam nas fronteiras com o Senegal e a Gâmbia, Iafai Camará sobressai-nou-se particularmente impopular em Bissau devido ao seu carácter violento e vingativo. O mais conhecido dos seus actos de vingança foi exercido sobre um condutor que o encandeou quando ele conduzia uma viatura particular: levado para o quartel do Estado-Maior a mando de Iafai, o cidadão foi torturado e depois despido e besuntado com óleo de motor, sendo sido exposto à porta do aquartelamento nesse estado.

Fontes diplomáticas em Dakar dizem igualmente que a desconfiança das autoridades senegalesas em relação ao ministro guineense da Defesa seria um dos obstáculos mais sérios à resolução negociada do diferendo fronteiriço entre os dois países, que se arrasta por entre escaramuças desde 1981. Em 1981, os pára-quedistas senegaleses intervieram na Gâmbia para fazer frente a uma tentativa de golpe de Estado lançada por Kukli Sagná, um primo de Iafai Camará actualmente exilado em Cuba. As ligações senegalesas de que o grupo contra o Estado confederado teria recebido apoio de Bissau nunca foram provadas, mas Kukli e o seu estado-maior refugiaram-se na Guiné-Bissau, o que, durante algum tempo, criou a este país uma atmosfera de embaraço nas relações com os dois vizinhos. Se por um lado os senegaleses e os gambianos parecem ter aceite a boa-fé de Nino Vieira, também parece certo que continuam convencidos de que Kukli teve a cumplicidade e o apoio em armas de seu primo Iafai.

M. O./R. I

MPLA aproxima-se do PS português

O MPLA está a privilegiar o seu relacionamento com o Partido Socialista Português, disse ao EXPRESSO uma fonte oficial angolana. Esta informação foi confirmada por uma fonte do Partido Socialista, que referiu **«estar a haver indícios que a apontam nessa direcção»**.

Na base desta nova atitude está a reviravolta ideológica do, até agora, partido único angolano, que a partir do seu próximo Congresso — que terá início no dia 4 de Dezembro — vai abraçar a social-democracia, deixando para trás anos de mau relacionamento com os socialistas portugueses. A nova imagem de Luanda é irreversível e, neste momento, as autoridades angolanas mantêm já contactos com a Internacional Socialista, à qual pediram a adesão.

«Não queremos voltar a falar em socialismo, pois o cidadão angolano liga-o à experiência soviética e achamos que não é essa a via que vamos seguir, nem queremos gerar equívocos», salientou a mesma fonte oficial, prevendo para o primeiro semestre do próximo ano a realização de um novo Congresso para aprovar a **«nova face do MPLA»**. **«O Congresso de Dezembro vai consagrar a mudança e o novo MPLA vai precisar de uma nova reunião de cúpula»**. Nessa altura, afianta, **«já não haverá mais soviéticos em Angola, pois o Governo foi informado da sua retirada geral»**.

O Comité Central do MPLA-PT aprovou esta semana a sua nova (velha) designação, uma vitória dos renovadores que fizeram passar o nome «MPLA» contra «MPLA-Partido do Trabalho» (proposta dos conservadores ligados ao marxismo ortodoxo).

Entre as novidades, a criação do cargo de secretário-geral (ou secretário executivo), para o qual poderá vir a ser indigitado Lopo do Nascimento. **«O direito de tendência»** — uma inovação na política angolana — vai também ser reconhecido, podendo aderir ao novo partido outras organizações, grupos, correntes e personalidades que aceitem a ideologia social-democrata. A fonte governamental pensa mesmo que muitos simpatizantes da antiga revolta activa se integrem no MPLA, com uma ou outra excepção de personalidades de cúpula que maniem ambições políticas independentes.

Despartidarizar as Forças Armadas

Nesse caso, o futuro MPLA terá de estabelecer um **«relacionamento de diálogo»** (e não de hegemonia ou repressão, como até agora) com as forças que vierem a constituir-se em Janeiro. Mas, de acordo com a mesma fonte, o primeiro passo é a aprovação da lei dos partidos, **«que está para muito breve e funcionará como ponto de arranque para o processo democrático»**, a que se seguirá a lei de Imprensa e das associações, cujos projectos apresentados há tempos **«já estão rasgados»** por não se enquadrarem no novo momento político.

A grande dificuldade de actuação desse órgão será **«a previsível recusa da UNITA em integrá-lo»**. Depois, é o vazio legislativo provocado pela cessação do mandato da actual Assembleia do Povo, no próximo ano. Para este problema, o Governo de Luanda parece não ter ainda encontrado a resposta.

Mas a «pequena revisão» da Constituição terá lugar imediatamente e as reuniões do Comité Central do MPLA (esta semana e no próximo dia 25) deixarão quase todo o trabalho feito, não só para o Congresso mas também para a Assembleia do Povo, que vai alterar, nos próximos dias, os preceitos constitucionais que consagram a direcção do MPLA sobre o Estado e a sociedade.

Se a questão das associações não levanta problemas (prevê-se a legalização da Associação Cívica Angolana (ACA) nos próximos dias), bem como a muito próxima extinção da União Nacional dos Trabalhadores Angolanos (UNTA) — a central sindical única tutelada pelo CC do MPLA — e a liberdade de formação sindical, já a despartidarização das Forças Armadas pode ser mais complicada. Dirigida pessoalmente pelo Presidente José Eduardo dos Santos, a sua reestruturação é coordenada pelo general França «Ndalu». A desmobilização dos velhos militares que se guindaram a lugares de cúpula pela sua participação na luta nacionalista é ponto quase assente. Os **«jovens oficiais forjados na luta contra os sul-africanos e contra a UNITA, e cuja promoção foi bloqueada por motivos políticos, vão ter agora a sua oportunidade»**.

O Movimento de Unidade Democrática para a Angola Reconstruída (MUDAR) — um grupo formado em Lisboa e definido pelo seu presidente, Manuel dos Santos Lima, como um **«movimento moderado e centrista de oposição democrática»** — ainda não reagiu ao anúncio das mudanças em Luanda. No entanto, para o antigo dirigente do MPLA, de 55 anos, a ala renovadora do regime **«quer agora vestir-se de cordeiro, na esperança de sobreviver às mudanças»**. Manuel Lima, que acaba de enviar duas cartas abertas a José Eduardo dos Santos e a Jonas Savimbi exortando-os a suspender imediatamente a guerra, disse ao EXPRESSO que a ala reformista do MPLA **«chega tarde demais, porque já ninguém acredita no MPLA»**. No entanto, Lima admite fazer no futuro alianças com essa ala, mas sem deixar de reivindicar **«o direito de participação em pé de igualdade com outras correntes no processo de democratização»**. É que, esclarece, o MUDAR tem propostas a apresentar, tais como **«o presidencialismo mitigado, a economia de mercado e a democracia consensuada»**.

Americanos querem paz em Angola

Por seu lado, Joaquim Pinto de Andrade, de 63 anos de idade, presidente da Associação Cívica Angolana (ACA), disse ao EXPRESSO ter ficado **«agradavelmente surpreendido»** com as mudanças, sem deixar de advertir que **«a pretendida mudança não é mais do que uma cirurgia plástica representativa da ausência de evolução política do pensamento do MPLA»**.

Pinto de Andrade rejeita qualquer tentativa de revisão constitucional **«envolvendo apenas os beligerantes»**, o que poderia prefigurar **«a legitimidade exclusiva das armas e a marginalização de grande parte do pensamento angolano»**. A alteração desta situação passaria pelo **«surgimento de outras forças políticas independentes dos actuais protagonistas da guerra»**.

Para o antigo presidente de honra do MPLA, a nova orientação social-democrata do regime parece ser **«apenas uma expressão de circunstâncias impostas pelas pressões norte-americanas e pela dinâmica dos ventos de Leste»**.

Impacientes com o processo angolano estão também os norte-americanos. Uma fonte bem colocada do Departamento de Estado disse ao EXPRESSO que os Estados Unidos pretendem ver o problema da paz em Angola resolvido **«o mais rapidamente possível»**. Mas essa orientação, precisou a mesma fonte, tem encontrado bloqueamentos nos círculos militares sul-africanos ligados à extrema-direita, que não querem resolver com celeridade os problemas de Angola e de Moçambique. **«Eles têm tentado aconselhar a UNITA a demorar o mais possível o processo de paz, para que o problema na África do Sul também não se resolva em direcção a negociações com a ANC e outras organizações anti-'apartheid'»**.

A posição da extrema-direita sul-africana contrasta com a diplomacia de De Klerk, que apoia a resolução urgente do problema angolano. É que, disse ao EXPRESSO uma fonte sul-africana ligada a esta tendência, **«o fim da guerra em Angola e em Moçambique pressionaria o ANC a parar as suas acções armadas»**. Apesar destas contradições, adianta a fonte norte-americana, os EUA vão continuar a apoiar os rebeldes até ao cessar-fogo, para pressionar a resolução urgente do problema angolano, **«mesmo sabendo que a UNITA se vai pôr contra tudo o que Luanda fizer e levantar as maiores dificuldades às medidas de democratização — mas não temos outro caminho senão continuar a apoiá-los»**.

Segundo uma fonte ligada às negociações angolanas, os mecanismos do cessar-fogo e da sua fiscalização — na previsibilidade de aprovação dos documentos que as partes estão a estudar — devem ser da responsabilidade de um grupo constituído pelos Estados Unidos, URSS, Angola e UNITA, coordenados pelas Nações Unidas.

Rui Ramos

Cardeal Nascim...

«Não p... com do...

O CARDEAL Alexandre Nascimento é, na opinião consensual do ala renovadora do regime e das correntes oposicionistas, uma figura de referência no processo de paz e de democratização em Angola.

Natural de Malanje, com 65 anos, esteve em Lisboa de 1961 a 1971, proibido de entrar em Angola. Formou-se em Direito na Universidade Clássica de Lisboa, em 1970, e já depois da independência foi nomeado bispo de Malanje e do Lubango. Em 1982, é raptado pela UNITA, permanecendo 31 dias em cativeiro. Cerca de um ano depois é nomeado cardeal e eleito presidente da Cáritas Internacional.

Jonas Savimbi fala do religioso na sua «Mensagem ao país» de Maio de 1986: **«Queríamo-nos congratular com a nomeação do cardeal Nascimento para o posto mais alto na hierarquia da Igreja católica. Mas nós também queríamos cautelar esta acção com a nossa reserva. Será que o cardeal Nascimento estará à altura de levar a Igreja católica a pronunciar pela paz, para o diálogo e para a estabilidade? Ou o Cardeal Nascimento irá mostrar a mesma arrogância com que passou aqui na Jamba, a mesma duplicidade com que actuou em Roma, a mesma insensatez com que desenvolve temas políticos, que não domina e, num palavra, a sua identificação pura e simples com o MPLA?»**.

O EXPRESSO falou com Alexandre Nascimento, cardeal e cidadão.

EXPRESSO — Consta em Luanda que a Igreja estaria disposta a formar um partido de orientação cristã.

ALEXANDRE NASCIMENTO — A Igreja não deve fazer política nem constituir partidos. Pessoalmente, porém, tenho simpatia por este ou aquele partido, por nenhum, mas não devo nunca atraiçoar a minha missão. As minhas simpatias, como cidadão, não devem influir no meu dever. Para a doutrina da Igreja, qualquer regime é aceitável desde que respeite os direitos da pessoa e promova o bem comum. Por isso a Igreja não deve fazer pressão com vista à instituição de ou daquele regime.

EXP. — Mas a Igreja angolana pensa apoiar algum partido no seu quadro multipartidário?

A.N. — É natural que nesse momento dada a suposição de que a Igreja dirija todos se queiram cobrir com o seu manto, mas isso é lá com eles. Que eu saiba, a Igreja em Angola não fundou nem vai fundar nenhum partido. Vamos deixar a política para os políticos, dizendo-lhes que a lei natural e a lei do Evangelho exigem da consciência dos políticos que são eleitos e dos que elegem. Que o socialismo e a social-democracia ceram já a Igreja existia, e vai sobreviver-lhes, tenho a certeza.

EXP. — Mas como cidadão, uma opção política...

A.N. — Sou pela democracia, por opções pluripartidárias, porque cada tema é o menos mau, é o que mais se aproxima da dignidade do homem, de homem que deve determinar o seu próprio destino.

EXP. — Falou em eleições. Governo de Luanda não gostou

AMANHÃ

Renascença e Proença concorrem juntos à TV

A RÁDIO Renascença poderá ser a... canal de televisão privada ... ros que integra a adjudicação ... Carvalho — soube o EXPRESSO ... são próximas.

O projecto, incluindo estudos ... possível grelha de programas, ... pela divina espanhola de ... Price Waterhouse (uma ... consultoria), com o apoio ... Lopes, da Eurotécnica, uma ... equipamentos para televisão. ...

Contactados pelo EXPRESSO, ... trador da Rádio Renascença, ... quer Proença de Carvalho ... quaisquer comentários, quando ... possível «aliança». E enquanto ... lho, alegando não ser «a ... a sua intenção de não fazer ... revelações ou comentários sobre ... to num projecto de televisão ... Crespo acrescenta apenas que ... parceiros da RR e o segredo ... do mundo».

Candidatos divergem quanto aos tempos de ...

AS QUATRO candidaturas à Presi... blica estão com dificuldades em ... mento do tempo de antena ... pela Comissão Nacional de Eleições ... quanto Carvalhas e Soares propõem ... viáveis trinta minutos diários de ... sem divisões em parcelas de dez ... com que todos os dias fossem para o ... de antena e que um candidato ... Basílio defende que os tempos de ... sete minutos e meio (de modo a dividir ... diária pelo quarto candidato). Por ... Marques mantém em aberto o modelo ... por Soares e Carvalhas e a hipótese de ... trinta minutos diários em blocos de ... o que obrigaria dois candidatos a ... diariamente.

Entretanto, e apesar de só na primeira ... a CNE tomar uma decisão final quanto ... namento do tempo disponível, Basílio ... tempos de antena «praticamente ... meiro dos quais tem a designação ... e aborda em exclusivo o candidato.

Reader's chega à URSS

A «READER'S Digest» vai começar a ser publicada na União Soviética. A revista estará nas bancas a partir de Agosto do ano que vem, terá 160 páginas e uma tiragem inicial de 50 mil exemplares. Segundo anuncia George V. Grune, presidente do conselho de administração da editora, a decisão foi tomada após dois anos de negociações e uma ... garantia «de que nenhum ... rado».

Editada em 16 idiomas e tendo ... inícios em todo o mundo, a publi... longo dos anos, seguiu uma linha ... posições dominantes nos EUA, mantendo ... ao que respeita à política externa, desde ... da guerra-fria e do apoio ... movimento da época de Carter e Kissinger.

«Quando soube que a revista ... são russa, percebi que a guerra-fria ... to, acabados», disse um responsável ... editora.

Eleições em Macau serão a 10 de Março

Nº 945 8 DE DEZEMBRO DE 1990

Expresso

internacional

CADERNO B

SOLUÇÕES INFORGA...
INSTITUTO DE FORMAÇÃ...

Semipresidencialismo

A nova aposta do MPLA

LUANDA — do nosso enviado
Benjamim Formigo
com **Gustavo Costa**

SEGUNDA-FEIRA, o comício público de encerramento do III Congresso do MPLA e os festejos do aniversário do partido marcarão o início da campanha eleitoral para a Presidência da República.

Tudo indica que José Eduardo dos Santos não deixará de chamar a atenção para o perigo que constitui o inimigo interno e para a confiança que o eleitorado nele poderá depositar.

Na lógica de conquista do seu potencial eleitorado, alguns observadores sustentam que o Presidente irá apresentar um MPLA aberto às massas.

A opção semipresidencialista da nova Constituição angolana está hoje em discussão no III Congresso do MPLA.

Inspiração francesa

De inspiração francesa, as linhas mestras da proposta de revisão constitucional debruçam-se sobre os vários artigos **«de um Estado de Direito»**. O Congresso começou com a festa de Cunene, e os delegados cantaram e conhema uma «Aleluia» ao Presidente.

Neste congresso estão representadas «entidades tradicionais» do país — os sobas —, que José Eduardo dos Santos recebeu há cerca de três meses, reconhecendo-as oficialmente pela primeira vez desde a independência.

O III Congresso, que inicialmente parecia votado a ser apenas uma transição para o Congresso extraordinário, acabará por trazer decisões de fundo.

Depois de ter sido relegada para a gaveta a proposta da primeira lei de imprensa, por extemporânea limitação ao direito de expressão e de informação, este Congresso deverá consagrar esses princípios, inovadores para os angolanos.

Sobretudo, anunciará a intenção de se criar em Angola uma alta autoridade para a comunicação social.

A falta de uma lei de Imprensa séria e a ausência de uma ampla classe jornalística consciente dos seus direito têm sido das queixas mais insistentes dos renovadores, que vêem os «media» nas mãos dos sectores mais conservadores do MPLA-Partido do Trabalho.

O ponto mais polémico deste Congresso tem sido o relatório apresentado pelo Comité Central, que ignora todo o processo de reformas anunciadas ou em curso.

Recuando pelo Congresso, o relatório acabou por ser substituído na discussão de fundo por uma segunda síntese, elaborada no último fim-de-semana em concordância com as alterações introduzidas e anunciadas ao longo de todo o ano.

O início do III Congresso do MPLA-PT foi marcado pela festa de militantes oriundos dos quatro cantos de Angola

Paradoxos da economia

PAGAR mais de um conto de reis por uma lata de cerveja é coisa que pode acontecer em Lisboa, conforme o local a que se vá. Mas ir ao mercado e pagar 60 contos (câmbio oficial) por uma grade de cerveja já não entra na cabeça de ninguém.

Comprar um bilhete de avião com latas de cerveja ou usar esta como moeda de troca para a compra de carne ou peixe também pode parecer estranho. A verdade é que é esse o dia-a-dia angolano.

A recente troca de moeda retirou de circulação a maior parte da massa monetária e, durante alguns dias, «as coisas custavam mesmo os seus preços reais», comenta toda a gente. Porém, essa troca de moeda deveria de ter sido acompanhada da colocação nos mercados oficiais de produtos de consumo, em particular alimentos, forçando à descida de preços no mercado paralelo e fomentando à circulação da moeda.

«Havia uma série de medidas programadas, visando corrigir as distorções financeiras, que deveriam ser tomadas posteriormente», explicou, numa conversa com o EXPRESSO, o ministro das Finanças, Aguinaldo Jaime. Simplesmente, **«os bens mercantis que deveriam estar em 'stock', como nos foi garantido, não existiam. Ficámos perante uma situação dramática de completa penúria alimentar, e tivemos de suspender as restantes medidas»**, acrescenta Aguinaldo Jaime.

«A prioridade é adquirir bens mercantis. Depois de resolvido esse problema e de a situação estabilizar, poderemos continuar as medidas de saneamento», diz o ministro.

(Continua na página 11)

Polónia

O dilema da opção

VARSÓVIA — da nossa enviada,
Luísa Meireles

EMOTIVOS e quase à beira de um ataque de nervos, os polacos vão votar amanhã pela segunda vez no espaço de quinze dias, para elegerem em definitivo o Presidente da República que os governará nos próximos cinco anos. Lech Walesa, o histórico líder do Solidariedade, ou Stanislaw Tyminski, o **«homem que não veio de parte nenhuma»**.

A campanha eleitoral posta em marcha pelas duas candidaturas nestes últimos quinze dias subiu de tom e raia mesmo à violência. Os candidatos agridem-se mutuamente com declarações cada vez mais fortes, onde vale tudo, desde acusações de pertencerem ou estarem ao serviço da antiga polícia política, a revelações sobre a vida privada que primam pelo mau gosto.

Na terça-feira, na localidade de Jafrzebie Zdroj, na Silésia, Tyminski foi impedido de falar à assistência, onde se influíros um numeroso grupo de apoiantes de Walesa. Uma atitude muito comum por parte destes, que já fizeram o mesmo por diversas vezes em comícios de Tadeus Mazowiecki, o primeiro-ministro demissionário que foi batido na primeira volta, a 25 de Novembro.

Na quarta, em Carcóvia, realizou-se uma manifestação, também contra Tyminski, animada pelas revelações feitas na véspera pela televisão, que passou um filme sobre a atribulada vida do candidato polaco-canadiano-peruano, onde este era dado como um alcoólico que abandonou a primeira mulher e não lhe dá o necessário sustento.

Aliás, os meios de comunicação em geral, estão todos a fazer uma descarada campanha política a favor de Walesa, num estilo que um velho jornalista polaco defina como **«muito pouco democrático e mesmo fascizante»**.

«Não se pode atacar assim umas pessoas, cobri-la de lama com os argumentos mais baixos, sem lhe dar uma

(Continua na página 3)

EM FOCO

MPLA consagra abandono do marxismo-leninis...

Moçambique mais perto da p...

Pág. 9.

ENTREVISTA

Bronislaw Ger... não acredita na reconciliaçã... no Solidarieda...

Carlos Veiga fala das eleiç... caboverdeana...

REPORTA...

Viagem ao f... do Túnel

NOTICIA...

Contagem ... no Golfo

Novas nor... e lei da te... fazem sal... na URSS

Alemanh... saborea... Kohl g... com u... amar...

Ame... de r... do ...

O desafio contínuo

Alemanha Medos e incógn...

BERLIM e POSTDAM

pelos cristãos-democratas corriam as eleições para o ... primeiro Parlamento pan-...

«ele», para precisar que se está a falar dos alemães desta ... Bretanh... ferência ... ram o a...

A Reforma Monetária provocou uma onda de «desemprego» no mercado paralelo

Angola-economia

(Continuação da 1ª página)

Sobre a sua política, alguns artigos dizem que ele é «um duriense do moestarense». E, constatam, «a troca da moeda não era necessária, foi uma latino-americanização da economia angolana».

«O mercado paralelo já está a recuperar e, se continuar ao ritmo actual, em breve os preços vão estar mais altos que antes. Para já, a medida causou uma onda de desemprego no paralelo», acrescenta a mesma fonte.

Paradoxos

Para o ministro, a troca foi «apenas uma partes do saneamento financeiro do país e, no mínimo, «servia para ter mais o controlo da massa monetária em circulação». Aguinaldo Jaime reconhece que a impossibilidade de injectar bens no mercado permitia «que o paralelo já tivesse recuperado cerca de 30 por cento» e não tem dúvidas de que ainda irá continuar a subir.

As expectativas criadas com a baixa de preços que se seguiu à troca do kwanza pelo novo kwanza e a decisão governamental de uma abertura à iniciativa privada permitiram que pelo dia baixa huambense surgisse uma oferta de pequenas lojas, muitas delas de roupas.

Um contra-senso aparente, num país onde não se encontra de comer, é uma mostra de «alegria» numa rua onde o pequeno comércio vai surgindo e onde decorrem obras para a abertura de novos estabelecimentos. Trata-se também de um contraste com a situação que se vivia na mesma zona da cidade por altura do II Congresso do MPLA, em Dezembro de 1985.

Ao princípio, o inevitável acontece. Os candongueiros aproveitaram os preços baixos das lojas para arrematarem as existências que, depois, surgiam a preços especulativos no mercado paralelo. A fim de evitar esta situação «ou apenas de a minorar», foi imposto aos comerciantes que vendessem apenas a quem tivesse cartão de trabalho.

«Não é preciso trabalhar. Pode-se viver da especulação», diz o ministro Aguinaldo Jaime. «Há pessoas que se dedicam exclusivamente à actividade especulativa, ganhando dinheiro sem produzirem qualquer riqueza para o país».

Mas, com a baixa dos preços no mercado paralelo, os produtos deixaram de aparecer. «Enquanto não houver uma subida de preços, os produtos não voltam ao paralelo. E para que os preços possam subir, é necessário que aumente a massa monetária», contrapõe um economista da oposição.

Esperar para ver

Para as empresas estrangeiras, é altura «de esperar para ver. A desvalorização que foi prometida não vem. Não é possível trabalhar sentas margens, nem é possível trabalhar com um câmbio em que o dólar não vale sequer 30 kwanzas. A maior parte das empresas fizeram aumentos de ordenados de 20 a 50 por cento, baixando-os na desvalorização e como resposta a uma nova situação que não surgiu», explica o gestor de uma multinacional, e com ele concordam gestores de outras empresas.

Mas a desvalorização, especulada no passado dia 2 de Novembro, não surgiu. «Era suicídio (depois da troca da moeda é a) impossibilidade de colocar bens no mercado em circulação) proceder agora a uma desvalorização. Quanto aos trocânios a moeda, houve tentativas de desestabilização que foram mal sucedidas. Se estas condições fizarmos para a desvalorização, era um risco elevado», afirma o titular da Finanças.

Para economistas angolanos como para o próprio ministro das Finanças, «o investimento estrangeiro é necessário», mas a questão de fundo parece ser que tipo de investimento.

Em muitos casos, as grandes empresas estrangeiras, particularmente no sector do petróleo, constituem «sociedades que vivem independentemente da sociedade angolana. Tudo quanto consomem vem do estrangeiro, a sua produção vai em grande parte para a exportação e o Estado angolano recebe uma parte dos rendimentos por via de acordos e não da fiscalidade», comenta um assessor de um anterior governo.

«Não há um estrosamento entre o investimento estrangeiro e a economia angolana. No período colonial, a situação estava distorcida, mas havia uma ligação entre o investimento que vinha de Portugal e a economia de Angola. O país produzia riqueza e, muitas vezes, sobretudo no sector das pequenas empresas, o capital nem se queer era repatriado. As pessoas fixavam-se», diz o mesmo analista. A guerra não é, porém, um incentivo para que isso suceda hoje em dia.

Aguinaldo Jaime também defende o investimento estrangeiro, mas sublinha a necessidade de redimensionar o sector empresarial do Estado, de privatizar empresas estatais, e deixa subentendida a necessidade de fechar para e simplesmente as não rentáveis.

Cumprir o Orçamento

A maior alteração que a nova equipa financeira vai introduzir será a obrigatoriedade do estrito cumprimento do Orçamento Geral do Estado. Ao contrário do que sucedia, «os ministérios não podem continuar a gastar dinheiro confiantes no reforço do OGE. Ele existe, e vai ter de ser cumprido. O endividamento tem de acabar», defende Aguinaldo Jaime.

O ministro das Finanças recusa, por outro lado, o uso das receitas extraordinárias do petróleo em «medidas populistas», defendidas por alguns sectores da vida angolana, «nesta altura em que o MPLA, no Governo, se tem de preparar para reforçar um regime multipartidário».

De acordo com os planos do Ministério das Finanças, as receitas extraordinárias, obtidas não só com o aumento de produção de 340 mil para 500 mil barris diários, bem como com a subida do preço do petróleo de 15/16 dólares para 30/32 o barril, serão antes de mais destinadas «a satisfazer o serviço da dívida externa. Criar confiança nos credores, recuperar a credibilidade para poder depois negociar o reescalonamento do serviço da dívida externa». As negociações recentes foram frustradas pela recusa dos credores de reescalonar o serviço da dívida sem que, pelo menos parcialmente, ele fosse satisfeito.

A dívida externa angolana ascende a mais de 7 mil milhões de dólares, e o seu serviço está totalmente concentrado nos anos de 1990, 91 e 92.

NCH PORTUGAL

DIVISÃO PARTSMASTER

X-ERGON

DYNA SYSTEMS

PARTSMASTER é a mais nova Divisão Internacional da NCH Corporation comercializando em PORTUGAL materiais de Soldadura para Manutenção da linha X-ERGON e equipamento de reparação, fixação e isolamento da nova linha DYNA SYSTEMS.

Devido ao grande crescimento desta nova Divisão da NCH foi necessário transferir o Departamento Comercial destas Empresas para novas Instalações na moderna zona Industrial de Carnaxide onde poderão desde agora contactar-nos:

ESTRADA DA OUTORELA - LOTE H PISO E
CARNAXIDE — 2795 LINDA-A-VELHA
TELEFONES: 418 22 19 - 418 03 46 - 418 03 90
TELEFAX: 418 19 49
TELEX: 66880 CSCR P

O Departamento Administrativo continua a funcionar como até agora nas AMOREIRAS — RUA TIERNO GALVAN TORRE 3 - 15º PISO — 1000 LISBOA

Reacções em Maputo

Pressões ocid

O espírito d

em Luanda

CENTRO de PREVENÇÃO
HEPATITE B

Angola extingue Ministério da Segurança

O PRESIDENTE José Eduardo dos Santos decidiu, esta semana, extinguir o poderoso Ministério da Segurança, integrando-o no Ministério do Interior, acastelando a transição administrativa do aparelho de Estado para um sistema multipartidário. A medida está a criar algum pânico no seio das centenas de oficiais e agentes de uma estrutura que se tinha tornado um verdadeiro sorvedouro do orçamento geral do Estado. **«Os milhares de indivíduos acoitados no Ministério da Segurança, sem função nem capacidade técnica mínima, convertidos no passado em meros espiões, constituem um exército parasitário cujo destino poderá dar algumas dores de cabeça ao MPLA»** — disse um diplomata. De acordo com algumas fontes, Kundi Paihama, ministro da Segurança, deverá abandonar o cargo, admitindo-se que possa vir a ocupar um lugar de destaque na mais alta hierarquia da Defesa ou no Comissariado do Huambo.

O desmantelamento do Ministério da Segurança, que tinha um orçamento superior ao Ministério do Interior, é entendido em Luanda como mais uma jogada de antecipação política de José Eduardo dos Santos. Assim, pretender-se-á eliminar da sociedade o espectro repressivo cultivado no passado pela polícia política angolana, assegurando as condições para a instauração de um Estado de Direito, que resguarde a intervenção de todas as sensibilidades na vida pública do país. Os aparelhos executivos central e local de Estado serão reestruturados em breve, o que implica a extinção dos cargos de vice-ministros e a criação de secretarias de Estado e direcções-gerais.

Lopo do Nascimento, um dos principais responsáveis por essas transformações, foi chamado para líder do núcleo constitutivo do futuro Ministério da Administração do Território, na esteira do processo de transição e da necessidade de um controlo mais abrangente do território. Segundo alguns observadores, esta medida visa dotar o Estado de instrumentos que propiciem uma intervenção eficiente no plano administrativo e que auxiliem o controlo do processo eleitoral, imprimindo aos actos governativos a maior abrangência possível por todo o território de Angola. De acordo com uma fonte oficial, a criação deste ministério antevê a próxima dilatação dos poderes concentrados na Secretaria do Conselho de Ministros.

Projecto de reformas com novo impulso

José Eduardo dos Santos deu, entretanto, esta semana, novo impulso ao seu projecto de reformas, ao investir Lopo do Nascimento, seu assessor especial, de poderes para, no âmbito do gabinete de estudos, pesquisa e análises, dirigir as grandes estratégias de reconversão do estilo de actuação governamental no futuro, pesquisar elementos que favoreçam a melhoria da imagem presidencial e preparar o Estado para desmantelar os «tetos» de vidro criados no passado. Esbater o desgaste que a corrupção provocou no seio do partido-Estado e aconselhar a diplomacia para uma intervenção mais intelectual e agressiva poderão ser algumas das funções deste gabinete. Aparentemente, a criação do novo secretariado do Bureau Político do MPLA veio colocar no desemprego algumas figuras de proa do regime e na capital angolana admite-se que os primeiros dias de 1991 trarão à luz uma espectacular remodelação governamental.

Se a saída de Pedro Van-Dunem «Loy», ministro dos Estrangeiros, é dada como certa, o destino de Roberto de Almeida, antigo ideólogo do partido, como comissário de uma província é ainda uma incógnita. Paulo Júnior, antigo secretário do Comité Central para os Assuntos Económicos, deverá vir a ser o novo ministro da Juventude e Desportos, em substituição do reformador Marcolino Moco, o novo homem-forte da política do MPLA. Os cabindas, destroçados no último Congresso, constituem agora um novo desafio para Luanda, com o renascimento e exacerbamento do sentimento separatista da FLEC. No último fim-de-semana, um jogo de futebol foi pretexto para manifestações de simpatizantes da FLEC, que, ante o espanto das autoridades, reivindicaram publicamente a independência do enclave. Se o MPLA não tomar medidas urgentes, a situação em Cabinda poderá tornar-se incontrolável — confidenciou ao EXPRESSO um oficial da Segurança angolana.

Gustavo Costa
em Luanda

O secretário de Estado Durão Barroso com o ministro «Loy» à chegada a Luanda para o que pode ter sido o empurrão final num acordo de paz

Luanda suspende ajuda internacional

O GOVERNO angolano decidiu suspender no fim-de-semana passado todas as operações de socorros de carácter internacional. Um comunicado assinado pelo ministro do Plano França Van Dunem, diz que essa decisão se segue à visita que representantes do PNUD e da Unicef fizeram à Jamba, durante a qual não conseguiram garantias de segurança para as colunas de camiões, por parte da UNITA. A suspensão teria a ver com frequentes ataques dos rebeldes a infra-estruturas por onde passa a ajuda humanitária e o comunicado governamental fala mesmo da destruição da ponte de Vila Branca, perto do Lubango. Por outro lado, durante a quadra natalícia, contingentes da UNITA tentaram destruir a barragem de Cambambe, a cerca de 200 quilómetros de Luanda, tendo sido rechaçados no próprio dia de Natal pela aviação das FAPLA.

Na quarta-feira passada o embaixador angolano em Lisboa Rui Mingas e o representante da UNITA Alicerces Mango foram recebidos em situações distintas por Mário Soares, mantendo as posições dos dois beligerantes. Mingas argumentou que a decisão da suspensão das operações de socorros se devia à falta de garantia de segurança por parte da UNITA e aos seus ataques a alvos civis nas estradas de passagem das colunas. Alicerces Mango, sem negar os ataques militares da sua organização a infra-estruturas, assegurou haver garantias totais de segurança.

Em causa estão sobretudo as ajudas idas de países vizinhos, nomeadamente da Namíbia, para as zonas controladas pela UNITA. Uma fonte oficial angolana disse ao EXPRESSO que os rebeldes têm causado dificuldades extremas às colunas de socorros com ataques **«laterais»** nas vias por onde passam, como é o caso das pontes. Ontem o Bureau Político da UNITA disse estar **«consternado»** com a decisão de Luanda, a quem acusou de, usando **«motivos falaciosos»**, pretender deautorizar a comunidade internacional. Uma fonte diplomática norte-americana, por seu lado, disse ao EXPRESSO que a situação se está a tornar **«muito complicada»**.

Entretanto em Luanda uma fonte oficial disse ao EXPRESSO que o Governo angolano está **«desapontado com a falta de apoio da comunidade internacional»** à operação de socorros da ONU, que está **«muito longe de ter conseguido reunir os donativos considerados mínimos»**. Sendo assim, adiantou, quase toda a ajuda que parte de Luanda para o sul está a sair dos armazéns da Secretaria de Estado dos Assuntos Sociais.

Rui Ramos

Informação
CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E.P.

Confrontações no Báltico

(Continuação da 1ª página)

importante é a Federação Russa dirigida por Boris Iéltsin, o qual declarou que jamais o assinaria na forma dramático discurso de demissão, foi um choque profundo para o Presidente. Isso afastou o reformador mais liberal dos dirigentes soviéticos — o militar industrial. O homem designado para o novo cargo de vice-Presidente, Gennadi Yanayev, declarou numa conferência de Imprensa que primeiro-ministro passa a ser pouco mais que um «chefe de gabinete» responsável perante o Presidente, em vez de responder perante o Parla-

EXPRESSO, SEXTA-FEIRA

EUA
Terc

NA DÉCADA de 80 a E
conheceu o pico da cri
ção Leste/Oeste. Ao lo
fronteira entre as duas A
nhas Estados Unidos e
Soviética sumeriam o
efectivos militares, m
seis — «Pershing 2» e
ses» foram colocados no
europeu para fazer fa
«SS-20» soviéticos.

Mas a década de
também a década da dis
pacífica entre europeus
te-americanos. Tudo co
com a construção de um
duto euro-siberiano no
«guerras dos eurométan

Do lado de lá do Atlâ
Presidente mais carism
que os norte-americanos
nheceram no pós-guer
Ronald Reagan. Do lad
um conjunto de dirigen
ropeus, sem um líder
que tinham de lidar c
forte aliado de Reagan
gante Thatcher. Mas,
«Maggies manifestos»
grado quando Washing
cidia impedir que a ba
gia norte-americana fos
da no pseudo-euro-sib

Europeus e americ
rantem que não há ani
mos. Mas com a União
mica e Monetária, a
Política Europeia e s

DITADURAS caíram qu
na totalidade. Mas nem
o mundo se transforma
paralão nesta década qu
findou. A democracia
improvisa em nascer de
na quarta se golpeia um
A Leste como a Sul, a de
cia afirma-se a duras p
nalgumas casos, está já
São os novos autoritarism
pregressam e arregaçam
brar a festa dos anos ne

Um ciclo que parecia
e encontra se mais mil
problemas económicos
solvidos, na falta de fa
democráticas, ao radicais
todos os matizes. Afinal
da das democracias fês ta
e paradoxalmente, a déc
fundamentalismos: ecol
social, religioso e políti

A euforia tem também
reverso: em tempos de
mudanças, as pessoas tê
procurar valores tradic
que fazs dão alguns po
referência. Por isso aban
o centro e abraçam as ext
atraídas ora para o autorita
fundamentalista, que to
decisões por elas, ou ref
do-se em movimentos que
tam o individualismo.

No final do ano pas

Aviação muda rotas

À MEDIDA que se aproxima o dia 15 de Janeiro, várias companhias de aviação têm reduzi- celado desde o início na os voos para a Golfo.

gem da decisão está to drástico dos pré- igidos pelas com- seguradoras, desde a região do Medi- se trnasformou tro de guerra. Os ão superlotados à qualquer capital Oriente, mas o o turístico desapa-

ciação de Trans- reo Internacional a Organização da Civil Internacional

(ICAO) definiram corredores de voo alternativos fora da área onde a crise se desenvolve.

Um possível ataque iraquiano contra Israel e a instabilidade regional, a ameaça do Presidente iraquiano Sadd[illegible] de atacar Tela-

passageiros, em muitos casos turistas que alteraram os seus destinos de férias, conjugada com o aumento dos prémios exigidos pelas seguradoras — de três mil para 65 mil dólares (para Telavive) — foram determinantes nesta decisão.

Bachmeier, alertava para possíveis atrasos no «check-in» e nos horários dos voos, dado o reforço das medidas de segurança aeroportuária adoptadas na sequência de eventuais actos terroristas árabes.

A australiana Qantas foi

Expresso 11.01.91

SAA, sair, Fil Airway

Expresso 11.01.91

rde

Caso Sonangol

Gustavo Costa
em Luanda

JOÃO Landoite, o novo ministro da Energia e Petróleos angolano saído da remodelação da passada 4ª-feira, vai ter pela frente, a partir da sua tomada de posse, alguns contenciosos deixados pelo seu antecessor Kassa Yombo. Além do «caso Sonangol», outro não menos importante é o que opõe a companhia petrolífera angolana e a francesa Elf, referente à recuperação antecipada dos custos de pesquisa em óleo, envolvendo, segundo alguns analistas, 100 milhões de dólares.

A pequena remodelação, que reabilitou aquele antigo preso político alegadamente ligado ao golpe nitista, promoveu também John Pinok Eduardo, em tempos o segundo homem da FNLA, a vice-ministro das Relações Exteriores. Todas as outras alterações foram feitas no quadro da nomenclatura, notando-se a preponderância dos licenciados na Faculdade de Direito de Luanda.

Dentro de dias deverá ser introduzida uma nova estrutura governativa modelada nos padrões de uma economia de mercado e com uma vertente essencialmente tecnocrática. O seu objectivo é, para alguns observadores, a repartição descentralizada da gestão do país por diferentes forças e sensibilidades políticas.

O Ministério do Plano vai ser extinto, dando lugar ao Ministério da Coordenação Económica para onde transitará França Van Dunem. O novo Ministério supervisionará o Banco Central que conta agora com três vice-governadores.

O plano de reestruturação da economia angolana lançará, até ao fim deste mês no desemprego mais de 70 mil funcionários da Administração, além de mais de mil trabalhadores da falida transportadora aérea TAAG, estando ainda prevista a criação de uma Alta Autoridade Contra a Corrupção.

Nas mexidas diplomáticas prevê-se a ida de Venâncio de Moura para as Nações Unidas. Elísio de Figueiredo — actualmente em Paris — deverá ir para Tóquio e Kito Rodrigues — caído em desgraça — para Belgrado.

uma reacção adversa no
resso e, democratas e
licanos advertiram Bush
e opunham à realização
neira.
Congresso preparava-
retanto, um conjunto de
as cortando a coopera-

Em contrapa
concordou com u
do prometendo
mútuo para, depo
resolver o conflit
be ao mesmo tem
nhava que os EU
diam destruir o Ir

em que
lfo, «por-
lembraria
a do cama-
«E achas
ra se lem-

Angola

Partidos multiplicam-se

Gustavo Costa
em Luanda

O PARTIDO Democrático Angolano (PDA) e a Frente para a Democracia constituíram-se esta semana nas primeiras forças organizadas da oposição interna angolana, duas semanas antes da divulgação oficial do Projecto de Lei dos Partidos.

A constituição destas formações está a causar um certo nervosismos na ala mais conservadora do MPLA. A Frente para a Democracia, que realizará em Março a Convenção Nacional, põe em causa o **«poder autocrático do MPLA»**, que acusa de **«promover o silenciamento da intelectualidade, da igreja e o desprestígio dos angolanos no exterior»** e de ter estabelecido, **«uma política de assalto e de enriquecimento individual»**.

O novo partido refere-se também em tom crítico à UNITA: **«Enquanto oposição armada, calou todas as vozes que se levantaram pela democracia»**.

O escritor Nelson Pestana (Bonavena) e os advogados Inglês Pinto e Filomeno Vieira Lopes são os principais dinamizadores da Frente — que não tem ainda um líder — que defende uma transição institucional com a criação de um Conselho de Reconciliação Nacional.

O PDA, liderado por Alberto Neto, vice-presidente da Associação dos Juristas Africanos, afirma irmandade ideológica com o Movimento para a Democracia (MPD) cabo-verdiano e o Partido da Convergência Democrática (PCD) de S. Tomé, reivindicando mais de 20 mil membros. As suas críticas centram-se no **«regime totalitário de partido único assente na ditadura pessoal e na corrupção»**. É contra o **«espírito militarista do segundo partido armado»**, batendo-se pela abolição da polícia política e pela formação de um governo provisório para preparar eleições gerais.

Os adeptos de Nito Alves — que liderou um golpe de estado em 1977 — resolveram sair da letargia. Botelho de Vasconcelos — que também esteve preso e depois foi adido cultural em Lisboa — encontra-se a activar um novo partido.

A Associação Cívica Angola (ACA), que este mês completou um ano de existência e vai em breve ser reconhecida pelo Governo, admite, por seu lado, poder vir a fazer alianças com outras formações políticas.

Dentro de dias será também formado o Partido Socialista Angolano, provavelmente liderado pelo conhecido empresário Alpega.

Por outro lado, centenas de funcionários do MPLA lançados recentemente no desemprego sem possibilidade de se integrarem na função pública, declararam já publicamente, a possibilidade de virem a alinhar numa opção abstencionista na disputa eleitoral. Desmentindo boatos, Agostinho Mendes de Carvalho — uma figura carismática do regime — desmentiu ao EXPRESSO a eventualidade de vir a formar um novo partido. **«Trata-se de atoardas para afectar algumas figuras do MPLA conotadas com a abertura»**.

A criação imediata do cargo de primeiro-ministro tem dominado muitas discussões partidárias, havendo já relativo consenso na escolha de um independente. Lopo do Nascimento, assessor especial de José Eduardo dos Santos, é de opinião de que o cargo deve ser exercido por alguém que pugne pela competência e eficácia **«independentemente de ser ou não do MPLA»**.

O MPLA não exclui uma estratégia de coligação, como o demonstram os «amores» de que Joaquim Pinto de Andrade — presidente da ACA tem sido alvo pelos mais altos dirigentes do MPLA.

'MPLA não teme democracia'

DE passagem por Lisboa, a caminho de Nova Iorque, onde se encontrou com o secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, Lopo do Nascimento, assessor do Presidente angolano, José Eduardo dos Santos, disse ao EXPRESSO que a movimentação de tropas em caso de agressão externa, não poderá ser encarada como violação do cessar-fogo.

EXPRESSO — Há divergências entre o Governo de Luanda e a UNITA em relação ao documento apresentado pelo mediador?

LOPO DO NASCIMENTO — Não considero que haja divergências nos pontos de vista, mas apenas mal-entendidos. O Governo deseja tornar entendido aquilo que nos documentos está em forma subentendida e julgo haver compreensão entre todas as partes envolvidas quanto à necessidade de se definirem algumas questões.

EXP. — Que questões são?

L.N. — O Governo solicitou que fossem aclaradas duas questões. Após a assinatura do cessar-fogo, as tropas devem ficar localizadas em certas áreas; em caso de agressão externa deve caber ao Governo assegurar a defesa da integridade do país, e a movimentação de tropas dentro deste objectivo — agressão externa — não poderá ser encarada como uma sua violação.

Ora, poderá alguém ter interesse em que a integridade do país não seja assegurada se todos concordamos em defender as fronteiras herdadas do colonialismo? Um Governo tem obrigações e responsabilidades que os agrupamentos políticos não têm.

Por outro lado, o Governo considera que o tempo de formação do exército único deve ser encurtado de modo a que o período que imediatamente antecede as eleições e que normalmente se chama o da campanha eleitoral, seja passado sem armas e tropas fora do exército único.

Lopo do Nascimento

EXP. — Pensa poder haver problemas nesse período?

L.N. — Normalmente esse é um período de exacerbações, de acusações mútuas, e bom seria que nessa altura não houvesse mais armas para pressionar, intimidar ou vingar os eleitores.

Estamos a discutir o fim da guerra e não a paralisação da guerra. Por isso consideramos muito mais importante estabelecer uma paz sólida e duradoura do que a vitória desta ou daquela formação.

Buscar soluções de ligeireza que deixem subjacentes germes de novos conflitos não dará a vitória a ninguém.

EXP. — Mas o regime ainda não reconheceu à Associação Cívica Angolana (ACA), depois de declarações de intenção incentivando a criação de organizações deste tipo.

L.N. — Inscrevo-me como modesto defensor da Associação Cívica Angolana ou outras associações que zelem pelos direitos e dignidade humana, para que as vitórias políticas não tenham base em novas tragédias humanas.

EXP. — A FLEC voltou a estar activa em Cabinda e já se manifesta legalmente. Qual a solução para aquela organização separatista?

L.N. — A Bíblia diz que «há um tempo para amar e um tempo para odiar». A FLEC terá o seu tempo.

EXP. — Está com receios do exemplo da vitória das oposições em Cabo Verde e S. Tomé?

L.N. — Não. Ninguém pode ter medo da democracia. A única coisa que me mete medo é a ausência de uma paz sólida e duradoura.

Angola: o fim do ciclo do monopartidarismo

LUANDA
do nosso enviado
Benjamim Formigo

QUINTA-FEIRA à noite estava prevista uma festa. Tudo começou por acaso, quando um intelectual angolano e dois amigos descobriram que a ponta da ilha de Luanda fora desmilitarizada. **«Agora já não tenho dúvidas. A democracia chegou a Angola»**, exclamou um dos três amigos logo que chegaram à ponta da ilha.

Interditada há cerca de 15 anos ao público, **«porque os militares diziam que se os sul-africanos quisessem bombardear Luanda este era o melhor caminho»**, a ponta do Farol — como também é conhecida — fez, até ao último fim-de-semana, parte da defesa aérea da capital angolana.

Havia já bastante tempo que a ponta da ilha que serviu de local de namoro a várias gerações fora desmilitarizada. No entanto, continuava a haver uma ocupação militar simbólica na área interditada aos civis. Com o desaparecimento do recolher obrigatório em Luanda, os militares retiraram discretamente e os luandenses foram descobrindo aos poucos que a zona já não lhes era proibida.

«Temos de fazer uma festa para comemorar», insistia um dos três amigos. No dia seguinte, um grupo juntou-se para confraternizar na ponta da ilha. Mesmo ao lado, o «establishment» angolano e o corpo diplomático também celebravam.

«Isto para mim é mais simbólico do que o levantar do recolher obrigatório. Já estávamos habituados ao recolher. Agora voltar à ponta do Farol!...»

O simbolismo da abertura da ilha fora entretanto antecedido por outro, bem mais importante. O cabeçalho do «Jornal de Angola» mudou. Durante anos, a primeira página do diário oficial foi encabeçada por uma fotografia do falecido Presidente Agostinho Neto e por uma das suas citações: **«É preciso servir o povo.»** Do outro lado do cabeçalho, o emblema do MPLA.

Trocar uma foto por um anúncio

De súbito, até o logotipo do «Jornal de Angola» mudou e onde antes estava uma foto do dirigente da guerra de libertação está agora um anúncio da Sonangol.

No antigo cinema Restauração, hoje Palácio dos Congressos, iniciava-se entretanto a sessão da Assembleia do Povo, que, nas palavras do Presidente José Eduardo dos Santos, **«irá encerrar o ciclo do monopartidarismo»**.

O atraso de dois constitucionalistas portugueses convidados, Vital Moreira e Gomes Canotilho, devido a uma avaria no avião da TAAG que os deveria levar a Luanda, adiou por 24 horas o início dos trabalhos, que decorreriam à porta fechada, enquanto os deputados da Assembleia do Povo discutiam o Plano e o Orçamento e pediam esclarecimentos sobre múltiplas facetas da vida económica do país.

Com 70 mil trabalhadores excedentários na Administração e uma enorme necessidade de controlar as despesas públicas e impor uma política financeira muito forte, o Orçamento **«é de austeridade»**.

Os primeiros atingidos foram os militares. O Ministério da Defesa manifestou a sua oposição àquilo que uma fonte governamental descreveu como **«cortes substanciais»** na sua dotação anual. O ramo mais atingido parece ter sido a Força Aérea e, segundo as mesmas fontes, o seu chefe não escondeu o seu desagrado.

O Ministério das Finanças pretende, além disso, ter um assessor no Ministério da Defesa. Sob fogo passou a estar o ministro Aguinaldo Jaime, que continua, todavia, a ser um dos homens de confiança do Presidente.

Para trás, para ser finalizada na próxima sessão da Assembleia, em Junho, irá ficar alguma legislação complementar à revisão parcial da Constituição que os parlamentares discutem durante este fim-de-semana. Admite-se mesmo que a sessão da Assembleia possa ser prolongada durante a próxima semana.

As leis adiadas

A Lei de Imprensa e a Lei da Greve são dois dos documentos adiados, como adiada está também a Lei da Defesa Nacional e das Forças Armadas, um documento que será possivelmente debatido com representantes da UNITA nas reuniões das comissões técnicas em Lisboa. Uma informação que não foi, porém, possível confirmar.

Elaborada por uma equipa de juristas e debatida com constitucionalistas portugueses, a Lei da revisão parcial da Constituição consagra o quadro multipartidário em Angola e estabelece os direitos, liberdades e garantias dos cidadãos, num texto que tem muito a ver com a Constituição portuguesa.

Também a Lei do Estado de Emergência e dos Poderes de Excepção estará em análise. Ainda a ser estudada encontra-se a Lei dos Partidos Políticos e da Nacionalidade. E se a Lei dos Partidos não parecia encontrar grandes oposições, a Lei da Nacionalidade já se adivinhava polémica. Das duas teses em confronto não havia ontem uma maioria clara a favor de qualquer uma delas.

O projecto, que ainda não tinha sido debatido, confere automaticamente a nacionalidade angolana a todos os cidadãos naturais de Angola que não a rejeitem. Porém, entre os deputados, havia um grupo que se opunha a este conceito, favorecendo uma definição mais estrita, que excluía da nacionalidade angolana os que se tivessem ausentado do território.

Com cerca de 10 partidos políticos, incluindo o MPLA e a UNITA, prontos a avançar, a concessão da nacionalidade pode fazer a diferença no resultado eleitoral.

Para dar só um exemplo, estima-se que no Zaire se encontrem 2 milhões de angolanos, ou descendentes de angolanos, fugidos após a eclosão dos combates no Norte. Na Namíbia encontram-se também contingentes de refugiados angolanos e descendentes.

De acordo com as indicações disponíveis, a Presidência de José Eduardo dos Santos defende a tese mais abrangente contemplada no projecto de lei. Não parece, no entanto, haver ainda consenso, e algumas vozes pessimistas admitiam que a discussão desse diploma possa levar **«muitos, muitos dias»**.

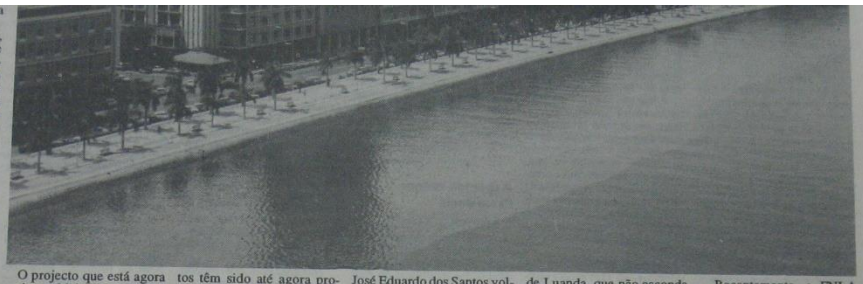
Documentos polémicos

Mas a aprovação do texto constitucional não fica completa se para trás ficarem diplomas como a Lei da Imprensa e da Greve. **«É verdade, sem esses diplomas a revisão constitucional fica coxa. A liberdade de Imprensa é um dos direitos fundamentais, como é o direito à greve»**, admite um jurista angolano, enquanto outras fontes da área reformista adiantam que a discussão da Lei de Imprensa foi tornada impossível pela argumentação do Ministério da Informação, que insistiu numa discussão mais profunda.

O projecto que está agora na Assembleia do Povo é, de acordo com as mesmas fontes, uma segunda versão. A primeira, divulgada há alguns meses e aparentemente muito liberal, continha alguns artigos que na prática poderiam pôr em questão a liberdade de informação. O segundo diploma, **«bastante mais liberal»**, que será discutido entre o fim de semana e a próxima semana, acaba, porém, por não deixar grande espaço ao Poder, embora reserve ao Estado o exclusivo da televisão.

Daí que, segundo algumas fontes, o Ministério da Informação, ao procurar **«uma discussão mais alargada»** do projecto, tenha acabado por tornar inviável a sua apreciação pelo Parlamento.

A Lei da Greve é, por seu lado, um documento polémico num país onde os sindi-



...tidade pode fazer a diferença no resultado eleitoral.

Para dar só um exemplo, estima-se que no Zaire se encontrem 2 milhões de angolanos, ou descendentes de angolanos, fugidos após a eclosão dos combates no Norte. Na Namíbia encontram-se também contingentes de refugiados angolanos e descendentes.

De acordo com as indicações disponíveis, a Presidência de José Eduardo dos Santos defende a tese mais abrangente contemplada no projecto de lei. Não parece, no entanto, haver ainda consenso, e algumas vozes pessimistas admitiam que a discussão desse diploma possa levar **«muitos, muitos dias»**.

Documentos polémicos

Mas a aprovação do texto constitucional não fica completa se para trás ficarem diplomas como a Lei da Imprensa e da Greve. **«É verdade, sem esses diplomas a revisão constitucional fica coxa. A liberdade de Imprensa é um dos direitos fundamentais, como o direito à greve»**, admite um jurista angolano, enquanto outras fontes da área reformista adiantam que a discussão da Lei de Imprensa foi tornada impossível pela argumentação do Ministério da Informação, que insistiu numa discussão mais profunda.

O projecto que está agora na Assembleia do Povo é, de acordo com as mesmas fontes, uma segunda versão. A primeira, divulgada há alguns meses e aparentemente muito liberal, continha alguns artigos que na prática poderiam pôr em questão a liberdade de informação. O segundo diploma, **«bastante mais liberal»**, que será discutido entre o fim de semana e a próxima semana, acaba, porém, por não deixar grande espaço ao Poder, embora reserve ao Estado o exclusivo da televisão.

Daí que, segundo algumas fontes, o Ministério da Informação, ao procurar **«uma discussão mais alargada»** do projecto, tenha acabado por tornar inviável a sua apreciação pelo Parlamento.

A Lei da Greve é, por seu lado, um documento polémico num país onde os sindicatos têm sido até agora prolongamentos das estruturas partidárias.

Nos meios reformistas considera-se, todavia, ser mais importante que a Assembleia do Povo aprove um orçamento de austeridade que contenha previsões sobre o financiamento dos partidos políticos num quadro multipartidário e, sobretudo, que venha a aprovar o multipartidarismo e a independência das Forças Armadas face ao MPLA. Forças Armadas de onde já desapareceram os comités políticos.

O Exército único e a falta de líderes

O Exército nacional único é um dos pontos sobre o qual só será possível avançar depois de obtido um cessar-fogo e um acordo com a UNITA. Cessar-fogo que José Eduardo dos Santos voltou a propor que seja assinado a 15 de Abril, avançando com um prazo de 36 meses para a realização das primeiras eleições.

«Datas que são obviamente negociáveis», segundo uma fonte bem informada, que acrescentou ser possível reduzir para 18 a 24 meses o período de tempo entre o cessar-fogo e as eleições.

O processo de reformas tornou-se irreversível, segundo a maioria dos analistas em Luanda. Iniciado, segundo sublinhou o Presidente, durante o Congresso de 1985, tornou-se inevitável não só pela constatação da realidade angolana como pela do contexto internacional. **«O tempo não corre a favor da UNITA»**, comentou um homem de negócios europeu e visitante frequente de Luanda, que não esconde a sua simpatia pelo partido no Poder.

«O MPLA tem a iniciativa legislativa e o poder. Se continua a avançar a este ritmo e, ainda por cima, cumprindo de um modo geral os passos que promete, a UNITA vê-se perante um facto consumado», acrescentou. Mas nem todos partilham essa visão, dizendo que a favor do movimento de Jonas Savimbi jogam as dificuldades do país, particularmente a situação alimentar da população, gravemente atingida pela fome em vastas regiões de Angola.

Nos limites da capital é possível ouvir as críticas que as populações fazem aos dois lados, MPLA e UNITA. É também curioso constatar a diferenciação que as pessoas fazem entre o MPLA e José Eduardo dos Santos.

Recentemente, a FNLA, de Holden Roberto, deu sinais de querer voltar à vida política, abandonadas que foram as armas. No entanto, a vida política angolana, abundante em partidos, carece de líderes.

Jonas Savimbi e José Eduardo dos Santos são os dois homens da política angolana. Os outros, como Holden Roberto ou Pinto de Andrade, parece terem estado demasiado tempo fora do país para serem conhecidos da maioria da população. E a verdade é que, excluindo esses dois líderes, não se perfila no horizonte uma figura que congrege as insatisfações face aos dois grandes movimentos: o MPLA e a UNITA.

Mas, como dizia um diplomata no final desta semana, a corrida ainda não começou.

...o lado da UNITA?

...nto presidencial numa ...dade de reserva, estando ...ra a capital protegida por ...s grandes unidades inde-

potencialidades de mercado e eficiência da rede de transportes tornam estas operações mais práticas e econó-

dor da província de Luanda poderá transfigurar o cenário da capital, com a adopção de um programa, avaliado em

Jonas Savimbi ao EXPRESSO

MPLA não devia legislar sem consultar partidos

POUCOS minutos antes de abandonar a base militar

diferentes da de Angola, onde a democratização passa

linhas-mestras da sua candidatura à Presidência?

...es, tapetes e eleições

TIRANA — da nossa enviada
Catherine Field

EM GJIROKASTER, terra natal de Enver Hoxha, o líder histórico do movimento comunista albanês, a população ainda questionado cartazes do Presidente Ramiz Alia por o considerar um traidor.

Nos arredores de Tirana, a capital do Partido Democrático (PDI), a maior força da oposição, preparam-se para as eleições de domingo.

A poucos dias das primeiras eleições livres, as ruas pocentistas de Tirana estão a ser inundadas a uma limpeza de Primavera de uma amplitude que não se via desde o fim da Grande Guerra.

Trabalhadores substituem as pedras partidas dos passeios e pintaram os sinais de trânsito. As tabuletas das lojas, também pintadas de novo, brilham ao sol.

Nos arredores da capital, centenas de camponeses foram encerrada pelo Partido Comunista. Os governantes desejam que a Albânia dê uma imagem positiva ao consentir de parlamentares e jornalistas que aqui virão observar o acto eleitoral.

A necessidade de inserir-se 3 milhões de albaneses nas delegações da Europa ocidental é um dos principais motivos das eleições, principalmente porque os funcionários do Governo comunista sabem que terão de vencer a maioria dos Estados que querem bloquear a entrada da Albânia na CSCE.

O voto deste país é a favor desta República, situada entre o Mar Adriático e a cordilheira de montanhas que separa da Grécia e da Jugoslávia, é tão importante como os votos dos 1,9 milhões de eleitores albaneses.

Belas carpetes vermelhas, que antigamente só eram estendidas para receber as delegações chinesas ou, mais tarde, de alguns emigrados vindos dos estrangeiros «têm-se rendido por «ebay» free shops» que vendem perfumes, cosméticos e as melhores marcas e vinhos franceses.

Grandes cabos eléctricos atravessam a neve do janeiro, apresentando um menu onde se vêem iguarias nunca antes sonhadas — tudo pago em dólares, a independência nacional para trazer finalmente o país para o século XX.

No principal parque de Tirana, vários jardineiros trabalham e apanham lixo, enquanto outros seleccionam e colhem flores destinadas às assembleias de voto de todo o país e às salas de recepção.

Poderá não ser suficiente para ganhar votos, mas os funcionários do PC têm a certeza de que terão um contributo para que se volte a atrair a simpatia do exterior.

Mas há, internamente, uma questão que certamente lhes escapa: quando as esperanças de um povo são despertadas, é sempre impossível travar as mudanças

para Ibarruri agarra-se precisamente à encosta da montanha. Quase parece que se encontra ali para desafiar alguém que, do mundo exterior, tente chegar ao centro dos campos de morte da Albânia comunista.

Numa prisão de betão branco, nos arredores da pequena cidade, viveram, até há uma semana, centenas de prisioneiros condenados a ...ver sido ousado ...ia a comissão- ...governamen- ...o ficou ainda um ...rupo de deputa- ...e guiram breve o ...ra a liberdade.

Desde que, em 1946, Enver Hoxha começou a travar luta com os seus adversários, Ibarruri foi notada do resto do mundo. Os habitantes costumavam a sua vida como se nada de estranho se passasse. «Sabíamos que aconteciam ali actos cruéis, mas era demasiado perigoso falar disso», contou uma mulher prisioneiro condenados a quinquénio de muito exterior.

Um ex-preso, Abaz Sula, agora com 48 anos, atreveu-se a falar. A face enrugada e as mãos trémulas são as cicatrizes visíveis de 20 anos de prisão. O crime de Sula foi o de escrever uma carta de protesto à Câmara da cidade. Passados 20 anos, não está arrependido do seu acto e continuou a falar, denunciando o tratamento dado aos 700 presos políticos que ocuparam as 36 celas de Ibarruri. Muitos morreram de fome, outros de doenças crónicas provocadas pela detenção em apertadas celas subterrâneas.

O resto de Sula enruga-se ainda mais à menção da palavra democracia. Sacrificou-se muito para que ela fosse uma realidade mas não tem a certeza se será possível sem derramamento de sangue. Apesar de décadas de regime

Sob o fogo cruzado dos comunistas, Yeltsin joga a sua sobrevivência política no apoio da população

Alta t...

MOSCOVO vive, desde quarta-feira, num clima de alto-risco — depois de virem dezenas de veículos blindados se terem perfilado em colunas junto aos muros do Kremlin, deixando a rivalidade latente entre Mikhail Gorbatchov e Boris Yeltsin de se reutrigar à simples guerra de palavras.

Numa altura em que o Presidente soviético corre contra o tempo, anunciando a data provável para a assinatura do «seu» Tratado de União, a greve geral dos mineiros ameaça-se e o contexto nacionalistas também ... aumento dos preços marcado para a próxima terça-feira, poderá ser aperta-de-foguete entabilidade de um sindicato que há muito reposava s...

Angola celebra 'Carnaval da Vitória'

LUANDA — do nosso enviado
Benjamim Formigo

A ASSEMBLEIA do Povo — Parlamento angolano — interrompeu quarta-feira as sessões para comemorar o «Carnaval da Vitória». Nas mesas de trabalho dos deputados ficaram à espera, durante 24 horas, os projectos de lei sobre o «estado de emergência» e o «direito de reunião e de manifestação». Entretanto, na antiga «Marginal», que corre ao longo da baía de Luanda, desfilavam grupos que, à boa maneira tropical, celebravam o Carnaval.

Este ano, o «Carnaval da Vitória» tem um sabor a «paloptroika»: vai ser a última celebração oficial, e fora de época, das festividades carnavalescas.

Em 1977, no dia 4 de Fevereiro, data do início da luta armada, e falecido Presidente Agostinho Neto, num comício no Bairro do Cazenga, propunha que as comemorações do Carnaval fossem adiadas para 27 de Março, primeiro aniversário da retirada das tropas sul-africanas de Angola. Nasceu assim, legitimado pelo voto do povo de Bairro de Cazenga, o «Carnaval da Vitória». Desde então, em terras angolanas, o Rei Momo passou a reinar no mês de Março.

Com a aprovação formal, esta semana, da revisão parcial da Constituição, que retirou ao MPLA-PT o papel dirigente e exclusividade da cena política, nasceram as bases legais do multipartidarismo, deixando o «Carnaval da Vitória» de fazer sentido. A votação do Bairro do Cazenga será, doravante, esquecida e, se houver cessar-fogo, os angolanos poderão, a partir do próximo ano, rivalizar na «Marginal» com o Brasil, que tanto invejam nestas festas.

Uma lei controversa

No início da semana, a lei mais controversa — a da nacionalidade —, cuja discussão muitos receavam viesse a prolongar-se durante dias, acabou por ser resolvida após um dia de debates e muitos esclarecimentos da Comissão Técnica Jurídica que elaborou o projecto. Tudo teve de ser muito bem explicado

(Continua na última página)

Brutalidade policial origina...

Tony Jenkins
em Nova Iorque

QUANDO George Holliday olhou através da janela naquela noite de domingo de há quatro semanas, não conseguia acreditar no que via. Como bom amador de fotografia que é, pegou na câmara de vídeo e começou a filmar a cena que se desenrolava na rua. O que ficou gravado em filme foram três guardas brancos da polícia de Los Angeles a bater violentamente num negro, enquanto outros sete guardas assistiam calmamente. Durante longos minutos, desferiram golpes de bastão na cabeça e no corpo do homem, pontapeando-o com toda a força. «Exerci pressão **va no que poderia ter feito o desgraçado para merecer semelhante tratamento»**, contou Holliday ao EXPRESSO durante uma entrevista telefónica. **«Senti pena dele».**

A vítima, Rodney King, seria acusada de condezir com excesso de velocidade — embora mesmo isso seja agora posto em dúvida porque a polícia afirmou que King guiava a mais de 160 quilómetros por hora, o que, segundo os fabricantes do automóvel, é manifestamente impossível. Não há quaisquer provas de que tenha resistido à ordem de prisão ou insultado os guardas, ou que tivesse alguma arma consigo; ia simplesmente a guiar depressa demais. Os poucos espectadores que se encontravam na rua ficaram horrorizados.

44 queixas por semana

A gravação de Holliday tem sido repetidamente mostrada na televisão nacional. O resultado foi o de ter provocado, não só em Los Angeles como em todo país, um tal escândalo político que dificilmente se esquecerá. Subitamente, as autoridades recordam que muita gente se tem queixado ao longo dos anos sobre a brutalidade da polícia de Los Angeles, particularmente contra negros e outras minorias. A Associação Americana dos Direitos Civis afirma que, ao longo dos últimos três anos recebeu uma média de 44 queixas por semana de vítimas da brutalidade policial. Uma das consequências mais graves do acidente foi a série de reportagens da televisão de Los Angeles que se seguiram em que negros e hispânicos contam aos jornalistas que o vídeo não os surpreendia, já que «há anos que estamos habituados a este tipo de situações, só que nunca ninguém se deu ao incómodo de prestar atenção», acrescentou.

A questão da brutalidade policial surge continuamente nas maiores cidades dos EUA. Em Nova Iorque existem actual... quatro casos q... uma dúzia de... apresentados ... casos mais gra... semelhanças o... Angeles — o... de espancar u... preso por ro... outros guarda... dente, três g... puxado das p... eseus que se re...

Racismo e violência injustificada são sintomas ... de policial norte-americana, que tem escândal...

EXPRESSO 29.05.91

O QUE ELES DIZEM...

«FOI O DR. SOARES que o mandou matar?», **pergunta o jornalista José Paulo Fafe num dos agentes da PSP que tiveram a ousadia de aprisionar na festa de aniversário do ex-PGR, na segunda-feira. A pergunta provocatória, já que os pedidos pessoais de captura da Polícia Judiciária são raros. Fafe ter cometido o terrível crime de não cumprir o serviço militar. Mas, sim, é uma coincidência, há coincidências que constituem um desafio à imaginação ou aconselham uma visita à psiquiatria, são da teoria das probabilidades. Principalmente quando a coincidência surge depois de, segundo informações não confirmadas, o mesmo Fafe ter sido parte do serviço de segurança de D. Juan Carlos, durante alguns anos. Segunda coincidência: ainda segundo o mesmo jornal, uma entrevista que Fafe teria dado, em 1992, com um outro ex-segurança de D. Juan Carlos, revelava ter recebido instruções de Eanes para espiar a vida privada do actual chefe de Estado. O mesmo adjunto do EXPRESSO, Joaquim Vieira, dizia por não ter havia publicado vários artigos sobre a TDM» de Macau. As recções em Belém à vista de José Paulo Fafe não foram, se o sabe, as mais agradáveis. Terceira coincidência: a longa ineficácia das autoridades para o cumprimento ao mandado de captura... do jornalista ser visto em quase todos os ... des sociais e políticas de Lisboa e arredores... secretário de Estado Santana Lopes ... rapidamente convertida numa reportagem ... prisão após a referida entrevista. Mais uma ... nos insondáveis desígnios da teoria das ... probabilidades, tudo se redutirá a uma série ... de coincidências. Picamos agora a curiosidade ... outra: a detenção de um dos elementos da ... política suspeitos de irregularidades... ou recepção de um órgão de soberania, ... exemplo, no Palácio de Belém.**

uma vez o conhecimento das opiniões manifestadas pelo público. Esta ... ficação do produto e tam... ICEP pretende aproveitar a mes...

EXPRESSO 29.03.91

eleva para 69 o número de
lsos dos territórios ocupa-
da intifada, em Dezembro

as autoridades militares is-
e esta semana em nova
para tentar encontrar o(s)
e um colono judeu, na ter-
ona do atentado, perto de
novo o recolher obriga-

inistro da Polícia autori-
sparar a matar, **«sem he-**
s que ataquem ou amea-
elitas, enquanto alguns
o israelita defendem a
nais duras, indo até à pe-
crimes terroristas».
novas convulsões nos
com um certo descon-
ianos do «interior» em
a OLP e com a perda de
u alinhamento com o
er Arafat acaba de lan-
va iniciativa de paz.
propostas, avançadas
io canadiano «Toron-
disposta a aceitar uma
trolada pela ONU, no
nteira entre Israel e o
e deveria ficar com a
e teria judeus no seu
e jordanos votariam
de uma confedera-

as a base é, afinal, a
LP em Novembro de
rael e a Palestina. O
mente.

Angola: a síndroma de 1975

(Continuação da 1ª página)

e alguns artifícios jurídicos permitiram a aprovação de uma lei de nacionalidade bastante liberal e sem as convulsões e traumas que caracterizam a lei moçambicana.

Basicamente, são angolanos **«todos os filhos de pai ou mãe angolanos nascidos no território»** e a nacionalidade pode ser adquirida após um certo período de tempo. A tese de circunscrever a nacionalidade aos **«angolanos genuínos»** — como alguns deputados chegaram a defender — foi afastada, com certas dificuldades e muita dureza dos juristas.

A lei dos partidos políticos também não ofereceu grandes problemas, tal como a versão final da Constituição revista.

Enquanto os políticos discutiam o regime, na mata os combates continuavam. O espectro da guerra paira sobre a população, que receia que o cessar-fogo não seja assinado ou cumprido ou que as eleições conduzam à guerra dentro da cidade, como sucedeu em 1975.

O recolher obrigatório foi levantado nas zonas urbanas de Luanda e, na semana passada, a derivação da barragem de Cambambe devolveu, com alguma regularidade, a luz eléctrica à capital. Mas nem por isso o movimento aumentou nas ruas depois do pôr-do-Sol.

«Os hábitos velhos levam tempo a perder», comenta um intelectual angolano, salientando por outro lado que **«não são muitos os que querem vir à noite para a cidade de asfalto. Nem sequer têm transportes para o fazer»**. Nos arredores, depois do pôr-do-Sol, o movimento não se extingue completamente, como sucedia há poucos meses. Mas, nalguns muceques, a lei é outra.

«Todos sabemos que há muitas armas espalhadas, mas ninguém faz ideia de quantas são nem de quem as tem», explica uma fonte militar. **«Não são necessariamente armas da UNITA, nem a sua posse tem a ver com a política. São armas que estão, pura e simplesmente, nas mãos de quem não as devia ter. Vai ser um sarilho recolhê-las»**, acrescentou.

E, a agravar a síndrome de 1975, como aqui se lhe chama, surgem, nos manifestos de alguns partidos políticos emergentes sugestões que são interpretadas como «revanchismo». **«A tentação dos ajustes de contas é real. Ninguém sabe o que vai acontecer»**, disse o mesmo militar. Esta opinião é, de resto, partilhada por muitos civis angolanos ou estrangeiros que residem em Angola.

O refúgio das cidades

Para as cidades têm, entretanto, convergido as populações das matas. Kimbos e lavras são abandonadas, à medida que a guerra se torna mais viciosa.

Combates perto de Calucquembe, no Sul, levaram, quarta-feira, ao cancelamento de uma coluna de abastecimento da ONU. Duas outras colunas foram também suspensas.

O despovoamento dos campos e a concentração das populações junto às cidades, onde procuram segurança e alimentos, tornou-se **«um problema para o futuro»**, diz um professor universitário. **«Há algum tempo fizemos um estudo, numa área perto da capital, sobre a disponibilidade de as pessoas regressarem às suas terras de origem, uma vez terminada a guerra. Nem uma respondeu que queria voltar!»**, adiantou.

A questão étnica é, pela primeira vez, encarada como uma realidade social. Passada a fase de subalternizar o problema, o MPLA e os intelectuais começam a interrogar-se sobre a real dimensão do voto étnico.

«O país não está estudado. Ninguém sabe nada e ninguém é capaz de fazer qualquer análise. Tudo quanto se diga são palpites», continuou o mesmo professor, adiantando que **«o único estudo que se fez foi enviado para Cuba, para tratamento estatístico, e nunca ninguém voltou a saber dele»**.

A FNLA surgiu como força política e, desde há algum tempo, os «zairenses» — angolanos que se refugiaram no Zaire devido à guerra, descendentes desses angolanos e mesmo verdadeiros zairenses — passam para o lado de cá da fronteira. **«Daí que na Assembleia tivesse havido tentativas para limitar a concessão da nacionalidade»**, explica um deputado da ala reformista. E poucas são as dúvidas de que os «zairenses», todos eles kikongos, irão votar na FNLA.

As duas principais forças, MPLA e UNITA, disputarão os restantes votos. Para um historiador de Luanda, **«o facto da liderança da UNITA ser do Bié tem levado este movimento a atacar, nesta província, exclusivamente alvos militares. Mas, no Huambo, também uma zona Umbundo, os ataques têm sido indiscriminados. Até que ponto isto se reflectirá no voto é um enigma»**.

No Sul — Cunene, Cuando Cubango e Namibe —, as alianças da UNITA com a África do Sul também poderão ou não reflectir-se nos resultados eleitorais.

Os dois lados têm telhados de vidro. A cor e as mudanças políticas só têm importância nos meios intelectuais e na cena internacional. Em Luanda — a eterna grande preocupação do MPLA —, muitos intelectuais de oposição e até alguns militares não escondem que gostariam de ver uma terceira via alternativa aos dois contendores. E, face a uma ameaça de vitória da UNITA, não escondem também que irão apoiar o MPLA.

«Pode ser que, até lá (a realização das eleições), **surja uma alternativa»** é um comentário ouvido, repetidamente, em quase todos os encontros com intelectuais da oposição.

Fora da cidade, a única opinião unânime é que a guerra já durou de mais. Paradoxalmente, a abertura do regime desperta nas memórias receios semelhantes aos gerados pelo que sucedeu em 1975.

lações conturbadas

aliás, alguns incidentes
náticos entre Mosco-
ahington, devido ao
anceiro que os sindi-
orte-americanos es-
ceder aos mineiros
em greve.
aixador dos EUA em
Jack Matlock, rea-
pestivamente a uma
TV soviética sobre o

Matlock estendeu a crítica aos responsáveis políticos da URSS e escarneceu: **«No cabeçalho do jornal 'Pravda' lê-se 'Proletários de todo o mundo uni-vos'»**.

Um outro sintoma de que as relações entre os Estados Unidos e a URSS atravessam um período bastante conturbado surgiu na terça-feira, durante

cano, Richard Boucher, declarara que **«a URSS que reconhecemos em 1933 tinha certas fronteiras e essas são as fronteiras que hoje reconhecemos»**, excluindo assim as três repúblicas bálticas, que foram anexadas em 1940.

Apesar de ter o cuidado de avisar que a reacção de Moscovo não traduzia um sinal de

Não enfraquecer a NATO

(Continuação da 1ª página)

intervenção conjunta dos aliados fora do Velho Continente, em caso de crise como a do Médio-Oriente.

O primeiro-ministro britânico, John Major, defendeu esta tese junto do chanceler Helmut Kohl, que se comprometeu, em Dezembro, a alterar a Constituição da RFA

Em Fevereiro, os ministros dos Estrangeiros e da Defesa da UEO adoptaram por consenso o chamado «documento Van Eekelen», que constitui o único texto de referência em matéria de segurança e defesa europeia. O documento define algumas orientações para a futura articulação entre a UEO e

quecer a NATO e da necessidade da presença militar americana na Europa.

Fiéis ao figurino do «reforço do pilar europeu», os britânicos não concordam com a proposta espanhola de dotar a UEO de um Estado-Maior e de tropas próprias e rejeitam a ideia da integração das políti-

de Luxemburgo, que a UEO não deve ficar sob a tutela da NATO, nem intervir exclusivamente fora do âmbito do Tratado do Atlântico Norte e deve ter uma participação activa na definição e na execução da política de defesa da Europa. A FIR da UEO não deve ser uma maneira disfarçada de in-

Expresso
Nº 962 6 DE ABRIL DE 1991
CADERNO B
internacional

SOLUÇÕES
INFORGAL
NOVELL
REDES LOCAIS E REMOTAS

Paz em Angola última jogada no Estoril

A ÚLTIMA oportunidade para a paz em Angola joga-se esta semana na Escola de Hotelaria, perto do Estoril. Por entre reservas, os dois lados, MPLA e UNITA, bem como a moderação portuguesa, manifestam o habitual **«optimismo reservado»**. Só a presença, à frente da equipa militar de Luanda, do general António França «Ndalu», chefe do Estado-Maior-General das FAPLA e vice-ministro da Defesa, permite esperar que **«desta reunião poderá sair fumo branco»**, para usar as palavras de Lopo do Nascimento, conselheiro para os Assuntos Políticos do Presidente angolano. A maioria dos observadores concorda que José Eduardo dos Santos não teria enviado a Lisboa o general «Ndalu» se não houvesse boas hipóteses de ser encontrada uma solução política.

No Leste angolano continua entretanto a ofensiva da UNITA contra a antiga cidade do Luso — hoje Luena, capital da província do Moxico. A ofensiva, denunciada quinta-feira, horas antes das duas delegações se reunirem, pelo Ministério da Defesa de Luanda, inspira-se, segundo analistas militares, na estratégia da UNITA de tentar a ocupação de uma capital provincial antes do final das conversações.

Segundo as informações disponíveis em Luanda nas últimas semanas, os ataques da UNITA têm-se multiplicado e admite-se que se possa estar a preparar um contra-ataque forte das tropas governamentais.

Os dois adversários reúnem-se agora segundo uma nova metodologia — a de discutir vários assuntos em paralelo para que uma situação de impasse num deles não possa travar todo o processo.

Duas grandes condicionantes

Consumadas as reformas legislativas em Luanda, as duas partes estão divididas quanto à data das eleições e em particular quanto à criação do Exército nacional único, condicionantes da assinatura do cessar-fogo.

A UNITA parece ter concordado com o Presidente José Eduardo dos Santos ao admitir que o cessar-fogo poderá ser assinado até finais de Abril. Porém para o movimento já que as duas partes a consideram negociável.

Quanto à criação do Exército nacional, a UNITA defende que as FAPLA devem de ser orientadas para a Aviação e para armas diferenciadas do Exército, cabendo às tropas da UNITA a formação da Infantaria. As FAPLA contestam no entanto esta pretensão, que oficiais superiores disseram ao EXPRESSO ser **«inaceitável». «O Exército único deverá ser constituído a partir do recrutamento normal e os oficiais dos dois lados terão de se sujeitar a testes psicotécnicos para se apurar quem tem capacidade de comando»**, disse a mesma fonte. **«O grosso dos efectivos tem de ser desmobilizado. Angola necessita, no máximo de 37 mil homens para o Exército, 15 mil para a Força Aérea e 8 mil na Marinha»**.

A UNITA pretende que se inicie o processo de «fusão» dos efectivos militares e que o Governo saído das eleições se encarregue do que ainda restar das duas forças. Para o MPLA esta tese **«é indiscutível»**, já que **«não é possível fazer uma campanha eleitoral séria e eleições com credibilidade se os partidos detiverem forças armadas»**.

Outra das questões que na área política separa os dois lados é o facto de o movimento de Jonas Savimbi pretender manter a sua emissora de rádio e montar uma estação de TV para as eleições.

Lopo do Nascimento e Jeremias Chitunda à entrada em São Bento. Apesar do embaraçoso aperto de mão a cordialidade entre os dois homens foi patente no primeiro dia

Finanças estrangulam negociadores da Renamo

A RENAMO, que na segunda-feira retoma na capital italiana as conversações com o Governo de Maputo, fez um apelo «desesperado» a meios financeiros norte-americanos, numa campanha relâmpago destinada a obter fundos que possam garantir o prosseguimento da sua estratégia diplomática nos contactos destinados a atingir o cessar-fogo naquele país.

O estrangulamento das fontes tradicionais de financiamento daquele movimento rebelde moçambicano poderá ainda levar os guerrilheiros a «exigir» a renegociação do «Acordo da Beira», com o pretexto de que as tropas do Zimbabwe estacionadas no centro do país o violaram — o que aliás tem sido insistentemente referido pelos rebeldes perante a Comissão de Verificação.

Um documento recente posto a circular nos Estados Unidos por iniciativa da Renamo diz claramente que a renegociação do acordo proporcionaria **«resultados comerciais mais favoráveis»** ao movimento, acrescentando que **«as receitas»** poderiam atingir o valor de 10 milhões de dólares por ano.

Esta atitude da Renamo provocou reacções em Maputo, tendo uma fonte diplomática referido ao EXPRESSO que os rebeldes **«estão a dar provas de que assinaram o acordo de má fé»**, não tendo estado na sua intenção cumpri-lo, o que, de resto, é comprovado pela notícia de ataques recentes, nomeadamente a uma composição ferroviária na linha do Limpopo, no Sul do país.

Falta de quadros

A Renamo «confessa» com clareza que a sua frágil estrutura «civil» carece de quadros, mesmo para o acompanhamento «in loco» das negociações de Roma, nas áreas da economia, da estratégia política, do direito constitucional. Num memorando de três páginas preparado e assinado pelo representante dos rebeldes nos Estados Unidos, Julian Seffu, refere que «é crítica a necessidade de uma equipa de conselheiros» **«ocidentais» para «tirar partido da oportunidade diplomática das conversações de paz»**, que vão decorrer em Roma a partir a próxima semana.

Um dos argumentos de Seffu, responsável pelo movimento na América do Norte (em Harrisburg, na Pensilvânia), para cativar a ajuda de meios privados nos Estados Unidos, no sentido de reforçar a capacidade negociadora da Renamo é o de que **«negociar com um regime marxista bem financiado é uma operação complexa e extremamente delicada»**, por isso, acrescenta, **«a Renamo precisa desesperadamente de auxílio»**.

Dividendos «assegurados»

De acordo com o mesmo documento, distribuído por intermédio do «lobbyista» William H Ball Jr., de Indianápolis, o custo da operação de Roma seria de 214 mil dólares, montante que teria de ser obtido **«imediatamente»**, para garantir sucesso **«político e financeiro»** às negociações de paz.

William H Ball Jr. realça na carta que escreveu para ser enviada a pessoas e entidades privadas dos Estados Unidos que se trata de um **«apelo urgente de auxílio»**, mas que Afonso Dhlakama lhe garantira que **«todos os contribuintes serão reembolsados com juros»**, porque o novo acordo para o «corredor da Beira» teria **«receitas anuais de pelo menos 10 milhões de dólares»**.

(Continua na última página)

Expresso 04.05.91

Luanda recebe acordos com reservas

Gustavo Costa em LUANDA

LUANDA despertou quinta-feira com o semblante mergulhado num misto de esperança e de reservas: **«Esperamos que depois do que aconteceu em Alvor e em Gbadolite à terceira seja de vez»**, disse meio cauteloso um intelectual ex-membro do Governo de transição em 1975. A informação detalhada de todo o processo negocial que ontem, sexta-feira, Lopo de Nascimento deverá fazer ao Comité Central do MPLA poderá, em grande medida, desanuviar o ambiente e, como dizia o ministro da Justiça, Lázaro Dias, **«ajuizar da sinceridade e alto espírito de patriotismo»** das partes beligerantes.

O comité central do MPLA, que deverá eleger o novo secretário-geral e pronunciar-se sobre o primeiro-ministro, poderá acentuar a nova estratégia do partido, assegurando a **«continuidade, estabilidade e funcionalidade das instituições até à realização de eleições gerais e garantindo através de mecanismos legais instituídos a tranquilidade e ordem social para evitar perturbações e convulsões»**. O processo de pacificação, segundo José Eduardo dos Santos, assumido também por outros partidos, deve ser aplicado com espírito de tolerância e de reconciliação nacional.

A verdade porém, é que é muito reservado o sentimento generalizado da população. Embora se observe o futuro com algum optimismo **«é de prever que as hostilidades se intensifiquem nos próximos 15 dias»**, prognostica um velho historiador do MPLA. Em Luanda, os meios de comunicação social dão ampla cobertura ao acordo de intenções e, pela primeira vez, na emissora oficial foi ouvida a voz de um alto dirigente da UNITA, Jeremias Chitunda. Também no programa radiofónico das Forças Armadas se registou um abrandamento da linguagem agora para tom conciliatório **«esperamos que as próximas noites se transformem em infinitudes de alegria para as crianças»**, estimava, optimista, uma mulher de 60 anos, que perante as imagens da televisão reconheceu que **«a maratona de Bicesse valeu a pena»**.

Uma nova etapa

No limiar de uma nova etapa na História de Angola subsistem, porém, razões para uma apreciação menos eufórica. Quinta-feira, menos de 24 horas depois da rubrica dos acordos de paz no Estoril, Luena teve o seu primeiro dia sem tiros. Na cidade de Luena, semi-destruída, às conversações de paz de Bicesse contrapôs-se a intensificação dos bombardeamentos que já provocaram a morte a cerca de meio milhar de pessoas. Os feridos às centenas, atingidos por presumíveis substâncias plásticas lançadas sobre a cidade e arredores. Avionetas de reconhecimento, aviões Hércules-130 provenientes do Zaire e da África do Sul constituem o principal suporte de apoio à UNITA, que se vem desdobrando com alguma facilidade em colunas de viaturas por Cangamba e Munhango. O início de abastecimento logístico às FAPLA a partir de Saurimo poderá, no entanto, segundo um oficial superior do Ministério da Defesa, dar outra magnitude à contra-ofensiva das forças governamentais. As FAPLA — disse a mesma fonte — terão penetrado nas posições do inimigo a partir da retaguarda e a todo o momento poderão infligir golpes decisivos que levem ao afastamento dos rebeldes da zona de Luena.

O sentimento de satisfação que se vive em Luanda pela assinatura dos acordos confunde-se assim no Moxico com um clima de dor, luto e tristeza provocado pelos flagelamentos a alvos civis que perduram há 35 dias consecutivos. Ao surto de epidemias junta-se agora com maior intensidade a completa ruptura alimentar que, obrigando a população a dispersar-se em busca de alimentação, as coloca à mercê das mais de mil bombas que já caíram sobre a capital do Moxico e zonas limítrofes. A UNITA, que se encontra neste momento na última fase da sua ofensiva, parece estar a proceder ao rapto de populações para aderirem ao seu projecto eleitoral.

Que fazer com os militares?

«No Leste, zona tradicional do MPLA, julgo ser muito difícil que a UNITA obtenha pontos, sobretudo depois do que está a acontecer à população de Luena», disse um veterano de guerra da região, impossibilitado de regressar devido à guerra. **«Este ano nem o 1º de Maio comemoramos»**, concluiu.

Aos olhos dos angolanos, Bicesse é apenas o primeiro sinal para a obtenção da paz. **«Vai ser difícil ultrapassar as gangrenas espirituais que separam famílias e amigos»**, disse um membro do comité central do MPLA que esteve no passado durante algum tempo sob cativeiro dos rebeldes.

A desconfiança mútua perdura assim perante feridas difíceis de cicatrizar. Os efeitos da guerra não permitem para já uma descompressão súbita. Se alguns militares com uma «confortável» formação académica se podem regozijar pelo fim do conflito, a perspectiva de redução de efectivos no exército nacional único lança, sobre outros, um sentimento de apreensão.

A reconstrução económica do país começa a pouco e pouco a ser assumida como nova nota dominante das preocupações dos angolanos, que só para as províncias do Kuando-Kubango, Huíla e Cunene estimam em 500 milhões de dólares o montante destinado à sua reconstrução. **«Os militares vão ter que trocar as armas pela pá e picareta, mas até lá muita água pode ainda correr debaixo da ponte»**, avançou um oficial superior das FAPLA.

Savimbi irá à Jamba antes da assinatura

Daniel Ribeiro em PARIS

O LÍDER da UNITA, Jonas Savimbi, interromperá no próximo dia 23, em Paris, a sua viagem pela Europa, para ir à Jamba — soube o EXPRESSO junto de uma fonte daquele movimento. A seguir, Savimbi virá a Portugal para assinar oficialmente o cessar-fogo com o Presidente angolano, José Eduardo dos Santos.

Savimbi deverá ter na Jamba uma reunião com os seus mais próximos colaboradores, prevendo-se que deixe nesse momento de viva-voz ao seu Estado-Maior as últimas indicações sobre o respeito do cessar-fogo.

Para o líder da UNITA, as hostilidades militares não cessarão em Angola antes da assinatura oficial do cessar-fogo, tendo dito numa breve entrevista à Rádio França Internacional, que foi para o ar ontem, que as operações em torno de Luena vão continuar: **«Vamos continuar a acção para conter as forças do MPLA porque se nós permitirmos que o MPLA ganhe terreno pode prejudicar as próprias negociações. Nós pensamos que o clima nas negociações foi muito bom, mas se alguém tivesse tido mais vitórias no terreno, com certeza seria mais arrogante»**, salientou Jonas Savimbi.

Para Savimbi, que declarou não necessitar de Luena nem sequer conquistar a localidade, os combates destinam-se apenas a diminuir a capacidade ofensiva do MPLA.

O líder da UNITA esteve desde quarta-feira em Genebra, na Suíça, vindo de Londres. Deslocar-se-á à Alemanha, Bélgica, Estrasburgo, Luxemburgo e Paris, de onde partirá para a Jamba. Só depois de assinar o cessar-fogo prosseguirá a viagem pela Europa, devendo ir à Holanda e à Itália. Esta última etapa do périplo ainda não está definitivamente assente — uma fonte diplomática junto do Vaticano disse ao EXPRESSO que a eventual anulação da ida a Itália poderá ligar-se ao facto de o Papa João Paulo II não ter manifestado interesse pelo desejo de Savimbi em ser recebido na Santa Sé.

Nesta viagem, Savimbi procura sobretudo obter apoios políticos e económicos para a UNITA — disse ao EXPRESSO uma fonte do movimento.

...dos prazos

A questão da confiança foi sempre crucial nesta conferência. «Foi a primeira vez que na procura de resolução de um conflito regional o núcleo das conversações se manteve o mesmo», disse um participante.

«A metodologia adoptada nunca foi experimentada antes e a forma como, nesta ponta final, o mediador levou todas as partes a viver em conjunto durante quase um mês foi determinante para a

...rem assinado formalmente os documentos de paz», co-

...ITA Jeremias Chitunda assinam, sob o olhar do ...a síntese dos acordos de paz do Estoril

...Durão Barroso um relato... detalhado do andamento ... negociações e afirmou-se d... ponto a «fazer tudo para a... bar com a guerra o m... rapidamente possível».

Se Dlakhama mostrou u... frase, junto do secretário... Estado para obter um visto p... visitar Portugal o gabinete ... Durão Barroso «não confir... nem desmentes». Portu... nunca levantou obstáculo... vinda de elementos da UNI... ou da Frelimo, mas as vi... de Jonas Savimbi sempre t... ram um carácter privado.

Por outras palavras, ... líder da Renamo consi... necessária uma visita a L... para realçar o prestígio e ... dibilidade internacional ... Renamo deve encontrar ... cinadores e anfitriões ca... de assegurar a logística e... ao programa o brilhan... desejado, sem necessid... aval oficial. A não ... Mário Soares decida da ... contributo pessoal e a ... que lhe foi recentemen... da por D. Jaime Goc... bispo da Beira, um dos ... pais mediadores das c... ções de Roma.

Mediação italian... em questão

A fraqueza e «fali... sistência» da actual ... são, no entanto, qua... mente constatada... católica, muito mino... Moçambique, não ... mesmo no plano re... uma autoridade c... com a dos líderes i...

...eleza

...ig. 6). sucesso político do governo, de... ...com signadamente do sucesso político ...ecog- do primeiro-ministro. O simples ...e da facto de ter sido confrontada com ...mei- um único pedido de esclarecimen... ...den- to pela deputada Natália Correia ...des- (e mesmo este «inofensivo») re... ...ícios; vela o aparente desinteresse com ...ma que foi escutada a sua palavra. ...ne- Recorde-se que a intervenção ...rio, de Beleza fora decidida ao mais ...do alto nível partidário.

...eiro

...de nós a pulsar. ... Portugal/Esta Terra/Portugal ...tanto mar. ... Portugal/Esta Terra/Portugal/ ...para amar ... Estão as velas enfunadas/E ...forte o sopro do ar ... Muita força as mãos dadas/Há ...outro cabo a dobrar. ... Esta Terra que é feita/De terra ...e de tanto mar.»

...pa

...te quadro, o qual ela denominou ...Cordeiro, que representa Jenas... ...unto, que foi ontem entregue na ...osa, um apelo de mais de uma ... Papa, para que «eleve a voz, ...ernacional», em defesa «dos ...rense».

...os nomes de Ramalho Eanes, ... Machete, Magalhães Crespo, ...Oliveira Martins, assessor do ...Roseta.

...ão Paulo II que influencie as ...respondam ao apelo do bispo ...que «o Povo ainda não foi

MPLA responde à UNITA e FNLA

...ELEGADO para o Comité ...al do MPLA de um rig... ...ento nº de intelec... ...ngolanos do Sul de ... ...ca, sem dúvi... ...ente ligada de grande ...ualidade política de José ...duardo dos Santos, capaz de ...ar uma inteligência sem... ...ar um projecto eleito...

...ro grupo de figuras ...ligo Cintangala, li... ...ador em Filosofia Eco... ...ra Teologia, João Ku... ...formado em Geogra... ...ra, Lourenço Lumueta regis... ...ra Domingos Ca... ...ra Manuel Júnior, direc... ...da Faculdade de Econo... ...da Universidade de ..., oriundo da provín... ...Huambo, Bié, Huíla e ..., representa, com ..., uma decisiva aposta ... renovações do ... ...ponto de vista e contraba... ...ça a forte influência da ...NITA junto daquele grupo ...sociolinguístico.

...ualmente reforçado saiu ...ongresso do Kikongo, com a ...ção de Paulo Tuba e ...ando Panok, ex-membros ...ederal Político da FNLA, ...o Pedro Peterson, licencia... ...as Ciências Pedagógicas, ...Daniel Sebe, ambos do ... e de outras figuras im... ...ssmo numa cena tradicio... ...ente dominada pelo ...ento de Holden Ro... ...ins. Nem todos os candida... ...o eleitos, no entanto, sorte ...ra, Faustino Muteka, ...ário de Estado do Café, ...ntos Fernandes, ministro da Agricultura, viram as suas candidaturas reprovadas pelo Congresso devido ao desgaste de mais de dezanove consecutivos de governação. O rigor e a lentidão do plano de acção do Governo constituem a razão de fundo do «chumbo» do único branco candidato ao CC, Emanuel Carneiro, vice-ministro do Plano, tido como um dos principais artífices do conturbado processo de troca da moeda.

Rejuvenescimento intelectual

O rejuvenescimento intelectual dos quadros do MPLA conseguido neste Congresso e a ligação afectiva que alguns dos novos membros do CC do partido mantêm com figuras representativas da UNITA poderão, para alguns observadores, permitir ao MPLA atrair outras sensibilidades e estabelecer uma política de alianças que evitata críticas a certas desigualdades regionais e sociais. A recusa da definição pelo Congresso das competências do futuro secretário-geral proposto pela Comissão encarregue de debater a estratégia do MPLA no período eleitoral encerrou, nalguns círculos mais críticos, uma expressão de unanimismo de que ainda parece enfermar a sua vida interna.

«Em causa estava a figura do Presidente», argumentou um dos congressistas próximos da ala conservadora. Para outros, foi considerado deslocado confrangedor o silêncio manifestado pelos próprios autores da proposta, que atribuíam ao secretário-geral a competência de dirigir a política e a estratégia do partido, libertando dessa forma José Eduardo dos Santos para as tarefas da campanha presidencial.

O Congresso remeteu, por outro lado, ao Comité Central o processo de despartidarização das Forças Armadas, tendo o Presidente José Eduardo dos Santos conseguido reconhecer preocupações dominantes do MPLA nesta fase a deputa eleitoral, o plano de acção do Governo, o combate à corrupção e a reconstrução económica. A remobilização de forças dispersas no passado e o reencontro do burocratizado com as populações através de um renovado activismo político são algumas das principais vertentes das **«bases gerais da estratégia do MPLA no sistema multipartidário».**

Pesadas heranças

O documento que lhe dá corpo, de quatro páginas, é uma segunda versão reunida do extenso texto original não submetido ao Congresso. A versão discutida reconhece que a credibilidade do MPLA está seriamente abalada e apela ao desenvolvimento de «esforços com vista à reabilitação da postura e competência governativas perante os cidadãos, procurando-se manter uma perfeita aliança entre o exercício de funções de direcção com quadros capazes e competentes e ajuizando-se da possibilidade de indicação de quadros não comprometidos com o MPLA».

A perspicácia política dos militantes do MPLA é convidada a intervir, por outro lado, para tomar e debater criticas que a oposição possa dirigir a alguns aleros, nomeadamente «**as obras do Mausoléu e a corrupção**». As primeiras, vistas de uma certa chacota popular, são consideradas nalguns círculos um projecto megalómano e desajustado das tradições africanas. «Mais uma pesada herança da importação do socialismo soviético», comentou um intelectual dissidente do MPLA. Outra preocupação incerida nas «**bases gerais de estratégia**» é a retirada de determinados privilégios aos membros da direcção do MPLA inerentes ao exercício de funções de Estado num momento em que as denúncias a casos de corrupção ganham novo fôlego.

A situação levou, de resto, José Eduardo dos Santos a convidar na sessão de encerramento do Congresso os cidadãos a apresentarem provas de envolvimento de dirigentes em fraudes financeiras numa alusão implícita a acusações feitas durante a reunião ao ministro do Trabalho, Diogo de Jesus, e ao ex-ministro da Educação, Lopes Teixeira, por terem despendido mais de 300 mil dólares do Estado para reparação das suas vivendas. «**Os sinais de riqueza e opulência externa evidenciados por alguns governantes são suficientemente indiciadores de falta de honestidade na gestão da coisa pública**», disse um jurista.

Maior transparência

Para Marcolino Moco, do Bureau Político do MPLA, tudo «tem que passar a ser mais transparente no futuro, pois não podemos continuar a ser acusados de corrupção, mandar instaurar inquéritos e a população desconhece os seus resultados». Em Luanda, recorda-se que, tendo a «**corrupção adquirido cidadania devido à impunidade prevalecente**», poder-se-á levar também nesta óptica ao esquecimento o caso «OBC». Também sobre o actual embaixador de Angola no Brasil, Romão da Silva, alguns congressistas pronunciaram-se pela investigação de uma presumível fraude financeira durante a sua passagem pela embaixada angolana na Jugoslávia.

De resto, admite-se em Luanda que o processo de contratação de especialistas brasileiros próximos de Collor de Mello para apoiar a campanha propagandística do MPLA às eleições numa operação que terá envolvido Romão da Silva possa vir a acelerar o afastamento de Pedro Pacavira de secretário de Propaganda do MPLA. «**As suspeitas que se levantam sobre este processo — comenta um alto funcionário do partido — nem são surpreendentes, conhecida que é a trajectória do embaixador Romão da Silva na gestão financeira da representação diplomática de Angola, primeiro na Jugoslávia e agora no Brasil**». Pacavira, tido como um dos conservadores mais influentes no Bureau Político do MPLA, será, segundo algumas fontes, contribuição para o próximo afastamento dos ministro e vice-ministro da Informação, respectivamente Boaventura Cardoso e João Miranda.

Neste momento, porém, a estratégia interna de José Eduardo dos Santos parece estar também a cautar alguns embaraços, o Presidente deverá nomear o jornalista Inácio Melo como novo ministro da Informação e o seu ex-assessor Aldemiro da Conceição como vice-ministro.

O MPLA, segundo soube o EXPRESSO, projecta realizar no área das artes gráficas um grande investimento, sendo do dono emocional a mudança de discurso propagandístico em todos os órgãos de comunicação social. A utopia e o dogmatismo foram substituídos por uma mensagem renovada e realista que agora apela à «**paz, liberdade e ao trabalho**». Crise condições abrigadas ao nacionalismo apoio aos programas propagandísticos do Partido com recurso ao empresariado nacional e a contribuições de empresas consistiu outra das preocupações do MPLA.

Gustavo Costa
em Luanda

O Congresso extraordinário do MPLA em Luanda ficou marcado pela entrada de uma nova geração, para o Comité Central, e de moderados, para o Bureau Político, numa manobra que abrangeu as etnias umbundo e kikongo

Protocolo do Estoril viabilizou acordos de paz

...GUNDA fase do proces... ...ó paz em Angola come... ...ontra-ataca, após a rubri... ...são cerca de 70 páginas que ...ontuam a síntese dos ... ...ados.

...le cinco rondas negoci... ...ve um sexto encontro in... ...ado, concluído na propos... ...ia Dorás Barroso para a ...ederação de Pão do Estoril, ...os, em 27 dias, 17 reuniões ...Comissão Política e 10 de... ...mecanismos de garantia que estabelecem as simbromes de 1975 e de Gbadolite que a desconfiança de 15 anos de guerra civil cria.

Surgiu assim o Protocolo do Estoril, um documento com vários anexos e que se debruça sobre o período eleitoral — que fez empertar as negociações na sua fase final — a Comissão Conjunta Política Militar, responsável 15, além da aceitação dos acordos, os países que desejam como assessores na fase de mação das Forças Armadas.

Os oficiais e sargentos das FAPLA (Governo) e das FALA (UNITA), que querem continuar a carreira militar, serão reciclados nas escolas militares angolanas, eventualmente com assistência estrangeira. «**A desparticipação das Forças Armadas implica a reciclagem dos militares**», explicou uma fonte das conversações. Durante essa reciclagem será tentada a integração dos mais capazes e, passados à reserva os restantes. Quanto aos praças, serão desmobilizados, integrados ou colocados em áreas de estacionamento pré-definidas pelas duas partes.

O novo Exército terá 40 mil homens: a Força Aérea e Marinha 10 mil. As FAPLA tomarão conta da Força Aérea e da Marinha, que ficará aberta à UNITA, e o Exército será integrado em números iguais pelas duas forças beligerantes.

O documento sobre Segurança Interna foi elaborado no final da semana passada de modo a dar à UNITA garantias de que a polícia agirá de forma independente e até mesmo de que protegerá os seus membros quando a situação o exigir. Na verificação da criação da polícia terá um papel determinante a ONU, que pode fazer inspecções-surpresa a qualquer unidade de modo a garantir a não existência de presos políticos e uma acção independente das

Existirão mecanismos de fiscalização do cessar-fogo em todas as províncias. As duas partes integrarão também comissões fronteiriças conjuntas para evitar infiltrações e também porque o cessar-fogo das forças dos dois lados em zonas defendas «**não pode afectar a segurança a integridade territorial**».

Cessar-fogo

(Continuação da 1ª página)

...em vigor após a assinatura formal dos acordos de paz, esclarecem a mesma fonte.

ONU à espera

Outro mecanismo fundamental na manutenção da confiança é o compromisso das UNAVEM II (Nações Unidas) no processo.

Responsável pela verificação das forças de segurança e convidada a participar na CPPM e, eventualmente, noutras fases do processo de paz, a ONU espera o pedido formal do Governo de Luanda.

O observador das Nações Unidas, Dermont Gamley, tem, segundo fontes da organização, o seu relatório em fase adiantada e pode fazer a sua entrega ao secretário-geral, Perez de Cuéllar, logo que o pedido formal de colaboração dê entrada em Nova Iorque. Com base nesse relatório, o Conselho de Segurança irá pronunciar-se acerca do participação de forças da ONU em Angola, e há indícios de que esse processo, ao findar a apro-ação de diagnósticos, deverá levar «**mais de dois ou três dias**». A seguir, as Nações Unidas proceder-ão aos contactos aos países recomendados pelas duas partes e o envio de pessoal será feito logo a seguir.

As estruturas da UNAVEM serão ampliadas e reconvertidas bem como parte do pessoal que já se encontra em Angola, permitindo desse modo reduzir os custos da operação.

timento de orfandade que se apoderou da multidão que desfilou na casa mortuária.

E desta vez não há sequer um herdeiro capaz de assumir a sucessão. O filho de Rajiv, Rahul, é ainda um adolescente, e a viúva, Sonia não quis ser cúmplice de uma encenação destinada a criar a ilusão de uma continuidade impossível.

Incerteza e instabilidade

O inesperado desaparecimento de Rajiv Gandhi mergulha a Índia numa nova vaga de incerteza e de instabilidade, e toda a comunidade internacional está consciente dos perigos que ameaçam o segundo país mais povoado do mundo. As mensagens de condolências enviadas por dezenas de chefes de Estado e de Governo e as 39 delegações de alto nível que assistiram ao funeral procuram incitar os partidos e dirigentes políticos indianos a pro-

cura
ten
mo
lên
vári

Angola parece estar em vias de terminar. Como avalia esse trabalho?

Alexander Bessmertnikh — A assinatura, em Lisboa, dos acordos sobre Angola abre uma perspectiva real para o estabelecimento da paz neste país. Isso é um acontecimento histórico, tanto para Angola como para toda a África Austral, e estou convencido de que influenciará também a solução de outros conflitos no continente. Esta viragem radical no processo de pacificação em Angola tornou-se possível, em primeiro lugar,

de variantes hipotéticas. Numa política real é melhor apoiarmo-nos nos factos. A URSS e os EUA acumularam uma experiência considerável em situações de conflito, inclusive em África. A União Soviética cumprirá rigorosamente os seus compromissos decorrentes do acordo de cessar-fogo e parte do princípio de que os EUA também cessarão os seus fornecimentos de armamento. Sobre esta questão já temos um acordo bem preciso. Também estamos prontos a apelar, neste sentido, junto com os EUA, aos países terceiros.

A. B. — A minha recente deslocação ao Médio Oriente demonstrou que todas as partes directamente envolvidas no conflito percebem que o momento actual é o mais favorável, nos dois últimos decénios, para se encontrar uma saída para uma situação crónica e aparentemente de impasse. Para isso, de uma forma paradoxal, empurram as lições da crise do Golfo Pérsico, após a qual o foco das atenções da opinião pública mundial se centrou precisamente no problema do Médio Oriente.

(Continua na última página)

PSOE perde Madrid?

MADRID
do nosso correspondente
Angel Luis de la Calle

PELA primeira vez desde que chegaram ao poder, em 1982, os socialistas espanhóis enfrentam a possibilidade de sofrer algumas derrotas sérias e uma descida glo-

mam errar muito os prognósticos — indicam que o escrutínio confirmará uma ligeira, mas apreciável, quebra do PSOE e um crescimento paralelo do Partido Popular (PP) e da Izquierda Unida (IU).

A maior preocupação dos dirigentes do PSOE neste

No entanto, parece que estes derradeiros esforços só vão ser recompensados na capital da Catalunha, onde as sondagens indicam que a equipa socialista, presidida por Pascual Maragall, irá continuar na Câmara. Maragall poderá assim ver cum-

nir-se o seu sonho de inaugu-

do próximo
Olímpicos,
rigiu pes-
nos quatro

contece em

Madrid, Sevilha ou Valência. Na capital, as sondagens publicadas no domingo em toda a imprensa assinalam que os conservadores do PP roçarão, no mínimo, a maioria absoluta necessária para governar a cidade. Se o PSOE quiser a Câmara para si, terá de usar toda a habilidade política para fazer alianças com grupos tão díspares como a Izquierda Unida e o Centro Democrático Social (CDS).

(continua na página 3)

Expresso 25.05.91

bate sso 90'

nhas gerais, o programa eleitoral «Progresso 90», elaborado no ano passado por uma comissão a que presidia o candidato Oskar Lafontaine, que desde a derrota em Dezembro se tem mantido estranhamente calado.

Esse programa incluía, entre outras novidades, a ideia do lançamento de um «eco-imposto»: uma taxa sobre o consumo de energia, mais pesada para as energias poluidoras, mais leve para as energias limpas. O dinheiro assim obtido seria aplicado em projectos de defesa do meio ambiente, no alargamento e no melhoramento da rede de transportes públicos.

É quase certo que no Congresso do SPD se falará também dos novos impostos que vão entrar em vigor no dia 1 de Julho e se ataque o Governo, porque, a par dessa sobrecarga para os trabalhadores, o Executivo tenciona dar facilidades fiscais aos empresários.

(continua na página 4)

Angola A procura da confiança

LUENA
do nosso enviado
Benjamim Formigo

NEM a morte, na quarta-feira, do General Canjundo, comandante das operações da UNITA no leste de Angola, quebrou o cessar de hostilidades em vigor desde o dia 16 de Maio.

O comandante do movimento rebelde accionou uma mina, não havendo detalhes sobre o local ou a origem do engenho.

Ao mesmo tempo que isto sucedia, continuavam na Luena as reuniões das subcomissões conjuntas provisórias para a verificação do cessar das hostilidades e o controlo da natureza das cargas.

Na sequência do encontro do sábado passado entre o Coronel Higino Carneiro, das FAPLA, e o General Ben Ben, da UNITA (**ver pág. 36-R**), iniciou-se esta semana a aterragem na Luena de aviões com abastecimentos, para as populações locais. O primeiro aparelho, um avião-tanque da Transafrique, aterrou na Luena cerca das 12h15 de segunda-feira, e o segundo, um C-130 de carga da companhia angolana TAAG, chegou por volta das 13h30 com alimentos.

As cargas foram verificadas por uma subcomissão de cinco oficiais das FAPLA e outros tantos da UNITA, que a partir de agora passam a verificar os abastecimentos às duas partes. A entrada dos homens da UNITA na Luena não deixou de ter o seu quê de curioso, já que eles foram escoltados para dentro da cidade por militares das FAPLA.

Com 45 dias de ataques por parte da UNITA, os habitantes da cidade olharam os homens do movimento de Savimbi com um misto de curiosidade e de hostilidade mal-disfarçada. Pouco depois, e a fim de evitar eventuais incidentes, ficou decidido que as subcomissões que verificam as cargas no aeroporto o farão em traje civil.

Hoje, em Cuango, reunirá pela primeira vez outra subcomissão provisória da verificação da cessação de hostilidades, na sequência do que tem vindo a suceder regularmente na Luena, onde as informações são trocadas diariamente pelas subcomissões.

Espera-se que o mesmo venha a suceder ainda no início da próxima semana no Uije, desbravando-se deste modo o caminho para a ponderação de forças, ao mesmo tempo que a paz tem estado a ser garantida e os eventuais incidentes ignorados.

(continua na página 7)

Há uma semana, forças das FAPLA e da UNITA festejavam o cessar-fogo, com champanhe, na mata. Contudo, o desanuviamento não é para amanhã

A primeira 'manif' da oposição

LUANDA — do nosso correspondente **Gustavo Costa**

A PRIMEIRA manifestação de rua da oposição civil angolana vai realizar-se na segunda-feira: um grupo de cidadãos, familiares e sobreviventes da tentativa de golpe de Nito Alves, em 27 de Maio de 1977, homenageia «**todos os desaparecidos ao longo dos últimos 15 anos**». A concentração, que conta com o apoio do Partido Renovador Democrático (PRD) angolano, culminará com uma missa numa igreja de Luanda, para que, dizem os seus organizadores, «**o princípio do respeito pelos direitos humanos seja uma prática de todas as forças políticas presentes e futuras**».

Os mesmos organizadores consideram que «**a génese**» do movimento de 27 de Maio decorreu da «**práticas antidemocráticas dos principais dirigentes**

(continua na página 7)

...osição

...e a consti-
...são Política
...distribuição
...anies denta-
...afirmaram
...lfastamen-
...arbosa da
...troca com
...arbosa, um
...que já foi
...ligado às

...acções que conduziram
...assassínio de Amílcar
...bral, tem actualmente
...anos e deverá ocupar a
...presidência.

Instado a comentar as di
...culdades na estrutura do
...directório, Saúde Mar
...até há pouco tempo o pre
...dente da Câmara Mun
...de Bissau, onde foi colo
...por Nino Vieira após ser
...tado compulsivamente
...adiantou ser tido «especi
...em democracia, especi
...mente num momento
...que se invertem as reali
...des de actuação política
...país».

Entretanto, a Frente De
...mocrática Social editou um
...manifesto em que, afirma
...do-se herdeira da filosofi
...da história do PAIGC e
...quanto «organização polí
...ca de vanguarda nacional
...do povo guinense» durant
...«onze anos de duras co
...frontações armadas para
...conquista da independência
...denuncia o que caracteriz
...como «ditadura pessoal
...ta e pretensamente irocrá
...tica imposta ao povo pelo
...regime devasso do actual
...sistema».

Exige, como factor de
...mudança, a «imediata aber
...tura do regime actual, tal
...do no entanto imprescind
...vel a sua substituição por
...um novo sistema caracte
...zado pelo concurso de o
...tras formações políticas».

Outras forças políticas
...também se têm movimen
...do nestes últimos dias e algu
...mas manifestações de ident
...ficação partidária têm leva
...do a prisões em Bissau, em
...bora neste momento todo
...esses detidos tenham sid
...postos em liberdade. São
...certamente, sinais de novos
...tempos, mas que ainda tão
...vão ao ponto de o Presidente
...Vieira estabelecer contacto
...directos com a oposição
...adiando o aguardado encon
...tro com representantes do
...Movimento Bafatá, cuja de
...legação está neste momento
...de visita a Bissau, ou com o
...ex-Presidente Luís Cabral,
...deposto por Nino Vieira em
...vés de um golpe de Estado,
...que tem sido alvo de viole
...ataques em discursos pro
...dencias nos últimos tempos.
...desde que também afirmou
...publicamente a sua disposi
...ção de regressar à política n
...novo quadro pluripartidário.

Com um tecido social e
...económico em flagrante de
...sequilíbrio, a Guiné-Bissau
...faz timidamente os seus pr
...meiros passos em direcção
...um regime de maior liberda
...de. E embora todos conse
...dem com a importância da
...abertura política ensaiada
...pelo Governo do PAIGC, a
...verdade é que as vozes já
...diferem — mesmo entre a
...diversas sensibilidades da
...oposição — quanto ao julgo
...mento da iscução e rapidez
...com que está a ser levado a
...cabo.

António Loja Neves

Expresso 25.05.91

Angola – a primeira manifestação...

(continuação da pág. 1)

...o-MPLA» e rejeitam
...super conotação racista
...ra a sua acção. O desfecho
...gimento da intentona mar-
...cal foi forma Angola que
...e em Luanda, passado
...cisão e meia, há quem não
...ja que numa «reposição
...ífica e civilizada da jus-

Alguns círculos admitem
...ossível que venham a ocor-
...nos próximos tempos ten-
...vas tisladas de vingan-
...pessoal, na orla de um pro-
...cujas consequências
...ca foram, segundo um
...preso político, «clara-
...ente assumidas pelo regi-

Os milhares de armas es-
...ladas pelos bairros, sem
...ntrolo das autoridades, fi-
...am renascer entre a popu-
...ção a sindrome de 1974.
...is milhares são também os
...ssionários dos exércitos do
...MPLA e da UNITA, que fu-
...am de armas na mão e
...ue, emichecirados na pe-
...feria da cidade, tomam
...de assalto as noites de capi-

Entretanto, a nação perma-
...ece traumatizada pelo fim
...trágico de muitos angolanos
...em 1977 e a abertura política
...o regime faz surgir, entre
...guns, o desejo de desmisti-
...icar, sem violência, o destino
...ado aos seus pais, caposos,
...ãos ou irmãos. «Não houve
...ar designadamente os ocu-
...ados por pessoas oriundas
...s Luanda, Malange e Ben-
...guela, que não tivesse visto
...os familiar mergulhado no
...olocausto de Maio», diz-se
...a capital angolana.

Opor a justiça

Para um dirigente do
...MPLA, cujos familiares pró-
...imos acabaram por ser viti-
...as de grupos afectos à
...DISA, a antiga polícia políti-
...a, os dos ninistas, é legíti-
...o que se queira repor a jus-
...iça mar correr-se-ia o risco
...e perpetuar o país noutra
...ogédia, se se incentivasse
...ódio e o espírito de vingan-

«Não pretendemos ajus-
...r contas mas seria muito
...au para a nossa nascente
...mocracia se o processo
...e conduzia à morte de
...ais de 20 mil pessoas ficas-
...para e simplesmente na
...gnita», diz, por seu turno,
...e ex-militante do MPLA,
...em Benguela sem culpa
...rmada, durante mais de dois
...os e que, mais tarde, viu
...ecer da cadeia de S.
...Paulo de Luanda, três dos
...seus irmãos mais velhos.

Alguns ex-responsáveis e
...agentes da DISA, tidos por
...alguns presos como verdadei-
...ros carrascos, começam agora
...a viver angustiados, «pagan-
...do o preço da chantagem
...e dos abusos do poder pa-
...ra ficarem com as casas
...e viaturas ou para viola-
...rem as mulheres dos pre-
...sos».

Para um velho opositor ao
...regime, detido por pertencer à
...Revolta Activa, facção de in-
...telectuais dissidentes do
...MPLA, «**ao partido no po-
...der compete tomar a inicia-
...tiva na abertura de um pro-
...cesso de transparência ju-
...dicial, isento de espírito
...de revanchismo, para evi-
...tar o ajuste de contas pes-
...soais**».

Pobreza programática

Alguns elementos da clas-
...se média, conotados no passa-
...do com a intentona de 1977,
...parecem, entretanto, distan-
...ciar-se da actuação do PRD,
...advogando uma postura que
...desafia aquilo que considde-
...ram «**uma pobreza progra-
...mática alternativa**», numa
...referência aos discursos de al-
...guns dirigentes das correntes
...de oposição. Com efeito, em
...Luanda, nalguns círculos in-
...telectuais mais ou menos
...comprometidos no passado
...com o regime, mas hoje clara-
...mente descontentes, come-
...çam a surgir críticas «à ten-
...dência **exclusivamente in-
...discriminatória**» do discur-
...so das novas formações polí-
...ticas.

Quando for assinado o cess-
...ar-fogo, disse um dirigente
...da UNITA, os novos grupos
...políticos vão ter que mudar a
...mensagem, que abandonar o
...panfletismo e colocar no cen-
...tro da sua campanha as novas
...soluções de gestão governati-
...va.

Não é pois de esperar que a
...luta política seja vivida de
...forma pacífica, num processo
...eleitoral «**condenado a ser
...disputado, nestas primeiras
...eleições, pelo MPLA e pela
...UNITA**».

Entretanto, começa a gene-
...ralizar-se um sentimento anti-
...MPLA, facilitado pelo con-
...traste provocado pela miséria
...chocante da população com a
...vida faustosa de certos diri-
...gentes do partido e governo
...locais, suspeitos de envolvi-
...mento num grande escândalo
...financeiro.

Daniel Chipenda, líder dis-
...sidente da revolta do Leste,
...chegou a declarar esta sema-
...na ao «Jornal de Angola»
...que «**o MPLA está muito
...ligado à guerra e à corrup-
...ção**».

Chipenda, que qualificou
...Jonas Savimbi de «**dribla-
...dor**», posicionou-se como o
...único político capaz de en-
...frentar o líder da UNITA no
...Sul do país. «**Cultivar a ver-
...tente étnica pode significar
...o prenúncio da tribalização
...da vida política em Ango-
...la**», advertiu um intelectual
...da luta de libertação, que «**as
...ideologias da esquerda e da
...direita**» prefere «**o consenso
...espiritual emanado da Igre-
...ja Católica**».

Renamo e Frelimo continuam em busca da paz, mas, por agora, importa «voltar o pior» mesmo «conseguindo

...des Estados Unidos, depois
...de Herman Cohen, subsecre-
...tário de Estado para os Assun-
...tos Africanos, ter mantido
...contactos separados, esta se-
...mana, em Roma, com as três
...partes envolvidas nas nego-
...ciações: Governo moçambi-
...cano, Renamo e mediadores.
...Segundo as mesmas fontes,
...Cohen terá abordado com
...todas as partes «**questões de
...substância**» tendentes a des-

...ainda «prematura» uma inter-
...venção mais directa e sistem-
...mática americana nas nego-
...ciações, visto as partes não te-
...rem ainda abordado, um ano
...depois, qualquer questão de
...fundo, acreditra-se que Was-
...hington possa começar a
...exercer pressões sobre a Re-
...namo, designadamente atra-
...vés de países tidos como
...«amigos» dos rebeldes moçam-
...bicanos, como é o caso do

...fronteiriça moçambicana, o
...Quénia — a «terceira mão»
...da Renamo, depois da Rodé-
...sia (actual Zimbabwe) e da
...África do Sul, usando a lin-
...guagem do matutino sul-afri-
...cano «Daily Mail» de Johanes-
...burgo — é olhado em Maputo
...com os mesmos «olhos» com
...que o Governo angolano via o
...Zaire, pelo menos, até ao
...«golpe» de Gbadolite, em
...1989: um trampolim da guer-
...rilha moçambicana.

A Renamo parece pretender «**aprontar**» algum
em Roma, mas sem q
teras que lhe possam
ainda mais a sua de
imagem internacio
quanto vai procura
nhar, no campo mili
adicional que lhe
posições em mesa de
ções, na procura d
cussões políticas
de Maputo.

Tomás Vie

...esso à normalidade

(continuação da pág. 1)

As tropas do 5º Batalhão da UNITA que se encontram no Sangondo (**ver Revista pag. 36-R**), arredores de Luena, deverão ter começado a retirar para novas posições. Esta unidade encontra-se literalmente cercada por forças muito superiores das FAPLA e no final da semana passada quase causou um incidente grave já dentro do período de cessação de hostilidades.

As populações têm, entretanto, vindo a abandonar a cidade de Luena e a regressar aos seus «kimbos», aldeias locais, à medida que constatam a não existência de mais hostilidades. O regresso do povo aos «kimbos» está oficialmente na origem da decisão da UNITA em retirar o seu 5º Batalhão do Sangondo. Novenanto, não é de excluir que esse movimento tenha sido «**uma oportunidade de ouro**» para a UNITA retirar os seus homens de uma «**posição incómoda e perigosa**».

No Moxico, onde a situação estava mais quente quando entrou em vigor a cessação de hostilidades, não há notícias de incidentes para além do rebentamento esporádico de minas, uma das quais causou a morte ao general Canjundo, da UNITA. No resto do país, a situação apresenta-se «**aceitavelmente calmas**», segundo uma fonte militar, que admite «**pequenas querelas**», de parte a parte, mas «**sem significados**».

No entanto, e apesar da extrema cordialidade com que os dois lados se tratam, é sodório que ainda não há um clima de confiança.

A comissão conjunta político-militar, integrando representantes do Governo angolano, da UNITA e observadores portugueses, norte-americano e soviético, entrará em funções no início do próximo mês e ficará instalada num edifício localizado na Avenida dos Combusteies em Luanda, onde se encontra actualmente o Ministério da Informação. Não é ainda claro onde as várias delegações se irão instalar, mas corre nos meios políticos na capital angolana que, «**por razões de confiança**», na americanos têm instalado em que a UNITA fique instalada junto da sua delegação, mais provavelmente no Hotel Presidente.

António Victor Monteiro, chefe de Gabinete do secretário de Estado Durão Barroso e representante português à comissão conjunta, estará esta semana em Luanda para estudar a logística dos portugueses.

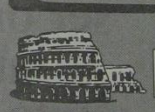
Na capital, o ambiente começou a modificar-se nitidamente. A cidade está finalmente iluminada e o movimento nas ruas é de dia para dia mais intenso. O comércio — pouco — começou a reabrir.

«**Luanda está a voltar à vida**», comentava no final da semana um velho luandense. Uma constatação que, de resto, se pode fazer em relação às zonas do Leste, onde os campos nesses também começam a regressar.

Tal como pa
por Luanda sho
filmes mas can
cadorias e peça
Sul para o Nor
Leste se começo
o final da sem
movimento de
longo das estra
mocupação fi
sadas nos últi
combates.

Sinal positi
desaparicime
entrada da c
que durante
desde o início
1961, procure
ao à cidade.
acampos é a re
tãnias portug
contravam
Museu de Sã
Museu Cent
madas, no q
domina a en
gumas fonte
que ao estab
limpas irão
antigos loca
Luanda.

turopa



ITÁLIA

O MAIS BELO CIRCUITO

ROMA • SIENA • PISA • FLORENÇA
VENEZA • PÁDUA • SAN MARINO
ASSIS • A RIVIERA ADRIÁTICA

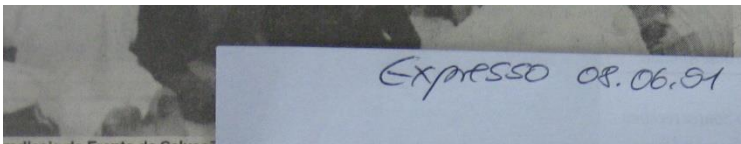
9 DIAS DE VIAGEM COM
3 NOITES EM ROMA

HOTÉIS CENTRAIS DE 1.ª CLASSE
AUTOPULLMAN COM AR CONDICIONADO
VISITAS E REFEIÇÕES INCLUÍDAS
GUIA PORTUGUÊS PERMANENTE
SEGURO DE VIAGEM DE 5.000 CONTOS

PARTIDAS TODAS AS SEMANAS DE JUNHO A SETEMBRO

EM VOOS **Alitalia**

PEÇA PROGRAMA NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS



radicais da Frente de Salvaçã
cando o país perto do caos

que mais uma vez iniciou uma viragem à esquerda. Uma coisa, porém, parece certa: independentemente do resultado das eleições, a crise não terminará. O sistema continua a onsequências saída é eleger remar contra a erar os proces- nico meio para stade social.

EXPRESSO 08.06.91

fio

m negociar a lista de sete os apresentada pelos sin- tos independentes, que i a exigência de um gran- úmero de reformas eco- icas e sociais. Em troca, o idente Alia pediu a sus- ão, durante um ano, de s as greves.

as Kariel não está de do e avisa que, se as nego- es falharem, os seus ens voltarão a fazer gre- fome, o que aumentará a o em todo o país.

teste do novo primeiro- stro, Ylli Bufi, ex-minis- la Indústria Alimentar, inda por fazer. Prome- formar Governo dentro lguns dias, que muito velmente contará com s membros da oposição, eu pelo menos o bene- o do Partido Democrá- u jo líder, Gramoz Pash- qualificou como **«um m honesto em quem a alidade das pessoas rá acreditar»**. Para a prioridade agora é

Observadores iniciam chegada a Luanda

Do nosso enviado
Benjamim Formigo
com **Gustavo Costa**

A PARTIR de hoje, começam a chegar a Luanda os representantes da UNITA, dos Estados Unidos e da União Soviética à Comissão Conjunta Político-Militar (CCPM) que, até às eleições, irá supervisionar o processo de transição em Angola.

A equipa portuguesa, dirigida por António Victor Monteiro, chefe de gabinete do secretário de Estado Durão Barroso, chegará a Luanda no próximo dia 14.

Após os primeiros dias, destinados à resolução de problemas logísticos e instalação, a CCPM reunir-se-á pela primeira vez dia 17 de Junho, em Luanda. Inicialmente previsto para ontem, esse encontro foi adiado no sábado passado, durante uma reunião em Lisboa de delegados do Governo angolano e da UNITA.

À Jamba deverão deslocar-se nos próximos dias Lopo do Nascimento, ministro da Administração do Território e representante do Governo na CCPM, e Higino Carneiro, comandante de operações do exército governamental. Do mesmo modo, o general Ben-Ben, chefe de Estado-Maior das FALA (UNITA), deverá efectuar em breve uma visita de trabalho à capital. A Luanda chegarão, também dentro de dias, os militares portugueses que irão dar assistência à formação das novas forças armadas de Angola.

Tanto o MPLA como a UNITA têm projectos próprios para as futuras forças de defesa do país. No entanto, ambos têm-se mostrado esquivos quanto a pormenores sobre a futura estrutura orgânica do exército unificado. Uma fonte normalmente bem informada disse contudo que **«há muito de inspiração portuguesa, particularmente no que se refere à institucionalização da subordinação dos militares ao poder político e à própria organização interna dessas forças»**.

Em Lisboa, o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Soares Carneiro, e o general Tomé Pinto, o representante militar português na CCPM, reuniram-se com militares britânicos que também irão participar no processo. Todavia não há notícias de contactos com os franceses. Portugal, Grã-Bretanha e França darão conjuntamente assistência à organização do exército nacional único. Mas, de acordo com diplomatas europeus, a França parece querer **«uma influência extremamente grande»** no processo, **«reivindicando uma intervenção em todos os sectores, desde a organização à formação, treino e equipamento»**. Mas não foi possível confirmar esta informação, que fontes angolanas contudo não desmentiram.

EXPRESSO 08.06.91

Angola na hora da verificação

LUANDA – do nosso enviado **Benjamim Formigo***

OS TRABALHOS da equipa internacional encarregada do estabelecimento dos grupos de verificação do cessar-fogo em Angola parecem consideravelmente atrasados, quando restam apenas sete dias para o termo do prazo fixado pelos Acordos do Estoril.

No entanto, apesar deste atraso, admite-se em círculos ligados ao processo de verificação do cessar-fogo que representantes do Governo angolano possam realizar nos próximos dias uma visita à Jamba e que entretanto chegue a Luanda uma delegação do Estado-Maior da UNITA.

Segundo os Acordos do Estoril, os grupos de verificação devem estar operacionais e a ocupar as respectivas posições até ao próximo dia 15 de Junho. Todavia, a chegada dos primeiros observadores só está prevista a partir de hoje.

Enquanto os observadores internacionais não estão no terreno, o exército governamental e a UNITA têm vindo a implantar um esquema das subcomissões provisórias de verificação. Este sistema, sobre que se chegou a acordo no dia 17 de Maio na margem sul do rio Cassondo, no Leste de Angola, no primeiro encontro entre o coronel Higino Carneiro, comandante de operações das FAPLA, e o general Ben-Ben, chefe do Estado-Maior das FALA (UNITA), estendeu-se já a quase todo o país. Mesmo os comandantes mais «duros» dos dois lados têm-se encontrado para discutir questões práticas e analisar alguns incidentes **«sem expressão»**, segundo as palavras de Higino Carneiro.

Uma das questões imediatas que as FAPLA e as FALA têm abordado sistematicamente é a desminagem de itinerários e a consequente livre circulação de pessoas e bens. Esta semana, no Lubango — antiga Sá da Bandeira —, após cerca de duas horas de reunião, as duas partes consideraram abertas todas as estradas, **«excepto os itinerários ainda minados e que os dois lados assinalarão»**.

O dia 17

Enquanto, nas frentes, os militares procuram manter em funcionamento esquemas de manutenção do cessar-fogo, em Lisboa e na capital angolana os estados maiores das FAPLA e das FALA reúnem-se para discutir a entrada dos militares da UNITA em Luanda.

«A parte militar da UNITA tem de estar em Luanda até o dia 17 para a comissão mista de verificação e fiscalização poder funcionar em pleno», disse ao EXPRESSO uma fonte do Estado-Maior das FAPLA. **«Uma visita do general Ben-Ben a Luanda será possível brevemente. É necessário que a UNITA verifique as instalações onde se poderá alojar, antes de se transferir para a capital»**, adiantou a nossa fonte que, **«por razões de segurança»**, recusou-se a revelar quais os locais propostos para a instalação do antigo movimento rebelde.

«Tudo isto faz parte do processo de criação de confiança que se está a desenvolver», acrescentou o coronel Higino Carneiro.

Em Lisboa, no passado fim-de-semana, Ben-Ben e Higino Carneiro estiveram reunidos para analisar o funcionamento das sub-comissões, **«os futuros contactos em Cabinda e nas Lundas e também as questões ligadas à comissão de formação das forças armadas»**, revelou uma fonte governamental angolana. Na mesma ocasião, ficou também esboçado o princípio de um acordo quanto ao abastecimento por via aérea do movimento de Jonas Savimbi. **«A UNITA tem donativos vindos do estrangeiro, e é natural que os queira receber»**, disse uma fonte do Estado-Maior das FAPLA. Os dois lados têm em funcionamento equipas conjuntas de fiscalização das descargas dos aviões governamentais, sobretudo na Luena, bem como das colunas da UNITA, a sul desta cidade, **«para garantir que não haja transporte de material letal»**.

Lopo do Nascimento na Jamba?

Os abastecimentos discutidos em Lisboa — e presumivelmente abordados num contacto telefónico, na quinta-feira à noite ou sexta, entre o general Ben-Ben e o coronel Higino — têm, segundo fonte diplomática europeia, origem **«no Zaire e na Florida** (EUA). **Da Florida partiam aviões de carga que aterravam na Jamba com mantimentos»**, explicou a mesma fonte.

A comissão conjunta político-militar reunir-se-á no próximo dia 17 pela primeira vez com 10 dias de atraso sobre a data inicialmente prevista. **«Passado o período crítico em que as hostilidades deveriam de facto ser suspensas, os dois lados (Governo e UNITA), ao criarem as suas sub-comissões, aliviaram a pressão. Agora estão a procurar garantir que tudo corra sem problemas. Tal como, durante as conversações em Portugal, os dois lados quiseram que todas as garantias ficassem estabelecidas, também agora estão a avançar com o máximo de segurança»**, acrescentou a nossa fonte diplomática.

Um ida à Jamba de Lopo Nascimento e Higino Carneiro não é de excluir nos próximos dias. **«A Jamba também é território angolano e o Governo tem de ver as condições existentes para saber-mos como se irá agir ao futuro. Mas além disso, valha a verdade, também há uma grande dose de curiosidade»**, comentou a fonte ligada às conversações.

No acto de assinatura dos Acordos do Estoril, a UNITA reconheceu o Estado angolano e concordou com a extensão gradual da administração central a todo o território. **«O que não implica a nomeação de pessoas afectas ao Governo para todos os postos. O Governo terá de ter em conta a realidade local, antes de fazer nomeações, assim como a UNITA terá de ter essa realidade em conta antes de reagir. Não faria sentido, por exemplo, nomear alguém ligado ao MPLA para a ida à Jamba»**, explicou uma outra fonte diplomática.

A lei orgânica do novo Ministério da Administração Territorial, liderado por Lopo do Nascimento, foi ontem apreciada em reunião do Conselho de Ministros. O facto de caber a Lopo Nascimento acompanhar e propor as medidas de aperfeiçoamento da actividade dos governadores civis, dirigir o processo eleitoral, realizar o recenseamento e assegurar o registo de todos os cidadãos com capacidade eleitoral é a parte mais relevante da lei orgânica do novo Ministério.

*com **Gustavo Costa**

Após a assinatura da paz, os grupos de verificação correm para ocupar as suas posições

PAICV: oposição 'contida' para preservar investimentos

O PAICV está a fazer uma oposição **«contida»** ao actual Governo de Cabo Verde, uma vez que é fundamental manter a confiança do investidor externo, disse ao EXPRESSO o secretário-geral daquele partido, Pedro Pires.

Pedro Pires justificou o seu encontro com a direcção da Associação Industrial Portuguesa com a «responsabilidade política» em Cabo Verde.

Pedro Pires desmentiu, entretanto, informações de que passaria a estar a testa da filial de uma empresa portuguesa em Cabo Verde. **«Enquanto for secretário-geral do PAICV, não o farei. O que posso garantir a qualquer investidor é que os quadros mais experientes estão ao lado dos exportadores e investidores baixou, numa tendência que poderá vir a ser drástica»**, disse ainda o ex-primeiro-ministro. E ilustrou a afirmação com a exigência de garantia bancária que os exportadores portugueses começaram a fazer este ano, **«o que sendo prática corrente, não estava nos hábitos de Cabo Verde, considerando implicam significam um ganho apreciável para o exportador e para o importador e, eventualmente, um aumento do custo ao consumidor.**

«Fiquei muito preocupado quando soube que este ano o Governo não tinha podido mobilizar os agentes económicos da África Ocidental para a feira de produtos portugueses», justificou a sua postura ante as relações económicas externas **«por uma experiência muito dura, mas gratificante. Conseguiu quadruplicar o PIB, o que é uma experiência única em África. O meu sonho foi fazer do meu país uma 'Singapura'»** — disse.

Na conversa com o EXPRESSO, no Hotel Baleia, em Mindelo, onde decorreu o congresso do PAICV, Pedro Pires não quis comentar o inquérito que o MPD está a fazer sobre as condições económicas e sociais do país. **«Não temo, mas pode vir a ser embaraçoso para os seus promotores trazê-lo a público»**.

Sobre a decisão do MPD de desencadear uma campanha de **«isolamento e aniquilamento»** do seu partido, o antigo líder guerrilheiro disse que não tem **curta para se perder a confiança do exterior»**. Para o líder da oposição, o Governo não pode nacionalizar bens do partido adversário, como já fez com bens do PAICV, ingerir-se na publicidade das empresas públicas, hostilizar jornalistas e sindicatos, paralizar a máquina administrativa, a pretexto de sanea-

MPLA estuda estratégia eleitoral

LUANDA — do nosso enviado **Benjamim Formigo***

ENQUANTO por todo o território angolano as armas continuam caladas, em Luanda o MPLA procura definir a sua estratégia eleitoral. O Bureau Político do partido tem-se desdobrado em reuniões e para a semana o Comité Central irá pronunciar-se sobre a estratégia a seguir. Dentro das prioridades dos políticos do MPLA está assegurar uma campanha eleitoral que não vá acirrar os ânimos das populações. Ao mesmo tempo, o Governo prepara uma redefinição do seu plano de acção, tendo em vista, nas palavras de um membro do Bureau Político, **«responder às dificuldades económicas do país sem esquecer que as medidas estão à porta»**.

Com uma situação cambial de ruptura, o Ministério das Finanças já alertou para a dificuldade de introduzir alterações populistas e os riscos que tal poderá acarretar. Não foi por acaso que a meio da semana o «mujinhos — boato — já que o ministro Aguinaldo Jaime se tinha demitido. Inteiramente desmentido, o rumor não deixou, porém, de suscitar as divergências que, segundo fontes bem colocadas, opõem o titular das Finanças ao Banco de Angola, que controla a política cambial, e a sua discordância face a medidas populistas que percam de vista a realidade financeira do país.

Com financiamentos externos contraídos a juros elevadíssimos, Angola debate-se neste momento com o problema do pagamento do serviço da sua dívida externa, no valor de 7,6 mil milhões de dólares. Este ano, o serviço da dívida é, segundo fontes bem colocadas, superior a mil milhões de dólares. O pagamento desta fatia é tido em círculos financeiros da capital como «**indispensável**» para negociar o reescalonamento do pagamento do serviço da dívida concentrada em 1991, 92 e 93. Ao mesmo tempo, são necessários meios consideráveis para a reconstrução do país — **há quem fale em dois mil milhões de dólares.** E, por último, mas não menos importante, existe a necessidade de importar bens alimentares e de os distribuir pelo país.

Confronto... futebolístico

A distribuição de alimentos continua a fazer-se por avião. Alguns itinerários já foram abertos, especialmente no Leste, onde, além das minas já destruídas, as subcomissões provisórias das FAPLA (MPLA) e as FALA (UNITA) levantaram mais de uma centena.

No Leste estão já abertas as estradas Luena-Saurimo (antigo Henrique Carvalho), Luena-Leua e Luacano-Lumege e foi iniciada a desminagem dos trajectos Luena-Lumege e Camanongue-Lumege. Mas o número de minas é de tal forma elevado que, segundo uma fonte militar bem colocada, depois de desminada a estrada Luena-Saurimo, a primeira coluna que partiu fez rebentar uma mina que não havia sido levantada, tendo sofrido onze mortos e vários feridos. Este incidente nunca foi anunciado nem sequer confirmado oficialmente dentro da política assumida por Higino Carneiro, do MPLA, e Ben-Ben, da FNLA.

Hoje, só os muito cépticos acreditam no retorno à guerra. A semana passada, no Sul do Bié, duas unidades das FAPLA e das FALA defrontaram-se num jogo de futebol. O resultado foi favorável aos homens da UNITA, mas não houve retaliações. Feito à revelia dos comandos, este encontro veio violar as decisões das chefias de ambos os lados de «**não permitir confraternizações entre os soldados, para evitar que com umas cervejas a mais os ânimos possam aquecer e haver tiros**». O torneio de futebol acabou por terminar após o primeiro jogo.

Suspeitas nos negócios

Mas a situação económica tornou-se agora a principal prioridade do Governo, apostado em jogar medidas polémicas. Com efeito, para a obtenção de meios financeiros urgentes têm decorrido nas últimas semanas discussões com as grandes companhias petrolíferas sobre a concessão de novas áreas de águas profundas em regime de pré-financiamento. Este sistema implica que as petrolíferas que pretendam obter concessões de prospecção e exploração dêem à banca internacional garantias em petróleo de pagamento de novos créditos a conceder a Angola.

São várias as empresas que se encontram na corrida e os norte-americanos começam a mostrar-se «**extremamente preocupados**» com a «**suspeita de uma situação, no mínimo, de privilégio**». Segundo uma fonte ligada à indústria, **ca ELF** — uma empresa petrolífera francesa — **está a ter um tratamento de excepção que lhe poderá vir a dar supremacia no mercado**». O Departamento de Estado norte-americano tem, segundo as mesmas fontes, sido pressionado pelas petrolíferas norte-americanas, que não querem ver os franceses em posição dominante.

A UNITA já afirmou que irá examinar minuciosamente todos os contratos de exploração de petróleo, «**para garantir que os interesses nacionais estão assegurados**». Estas declarações de Jonas Savimbi foram vistas por muitos negociadores das companhias americanas como «**um aviso sério à navegação**».

Em paralelo, e a escassas 48 horas da reunião conjunta da CCPM (Comissão Conjunta Político-Militar), a França foi o único país convidado para a formação das Forças Armadas (CFSA) que até ao momento não deu qualquer resposta oficial.

Portugal e Grã-Bretanha — os dois outros países convidados — já aceitaram integrar a comissão, tendo-se reunido em Lisboa para discutir o assunto. No entanto, de Paris, o silêncio oficial tem sido absoluto. As fontes angolanas sugerem que os franceses pretendem estar «**sozinhos ou ter influência dominante**» na formação do novo exército.

Expectativa

Na cena política, a UNITA continua a ser a grande expectativa. Em comunicado publicado esta semana no «Jornal de Angola» e difundido através da Rádio Nacional de Angola — órgãos de comunicação finalmente abertos ao partido de Jonas Savimbi —, a delegação de Luanda daquele movimento assegura o seu regresso à capital e pede que o povo angolano aguarde.

Ninguém sabe ao certo o que se poderá passar. Não há elementos fiáveis quanto à receptividade ou não da capital angolana a Jonas Savimbi. Apesar da chegada hoje à capital dos delegados da UNITA que vão participar na Comissão Conjunta Político-Militar o véu ainda não foi levantado.

Só quando Jonas Savimbi entrar na cidade se poderá realmente conhecer a reacção popular. A expectativa entre os intelectuais é grande. Mas entre os luandenses, à falta de sondagens, uma não-chega de entrevistas a empregados de café e restaurantes e «klitandeiras» também não levantou o véu. «**O MPLA nunca me deu nada. A UNITA também não. Sou da zona de Cambatela** (a pouco mais de uma centena de quilómetros de Luanda) **e há nove anos que não vejo o meu avô e a minha bisavó. A UNITA matou o meu pai e os meus irmãos. A Segurança prendeu familiares meus. Nunca mais ninguém soube deles. Não posso ir à minha terra porque está tudo minado**», diz-nos, de semblante triste, um empregado de um restaurante onde se paga em divisas. «**Dantes** — em data que não especifica **ainda podia comer uma lagosta...**»

Em Angola, terminada a guerra, os soldados da UNITA e do MPLA esperam agora os difíceis caminhos da paz

No horizonte não se perfila nenhuma terceira força com influência credível, e se não surgir nos próximos meses a bipolarização da vida política angolana é tida como inevitável. Se assim for, o confronto militar MPLA-UNITA que terminou poderá transferir-se com a mesma dureza para a campanha eleitoral.

As forças políticas emergentes procuram impor-se através de figuras com algum passado, e falando do passado, mas, para um conhecido historiador da Universidade de Luanda, «**fazer uma campanha com pessoas de gerações antigas, a falar de coisas do passado, que muitos não conhecem ou só marginalmente sabem delas, não vai resultar. Este país precisa de alguém novo que saiba falar à juventude do futuro. E aí que está a terceira força, se alguém for capaz de encontrar as pessoas e o discurso certo. Não há estudos fiáveis, mas numa extrapolação a partir de Luanda pode acreditar-se que só 50 por cento da população tem idade para votar. E uma população muito jovem e destes 50 por cento dois terços têm entre 18 e 30 anos.**»

O grande teste

Em todo este complicado xadrez, curiosamente, a única figura cuja aceitação parece pacífica é a de José Eduardo dos Santos, Presidente da República e também chefe do Governo e Presidente do Partido, mas a sua imagem não parece afectada pelas acusações que não feitas ao Executivo e ao MPLA. «**As pessoas sentem que o Presidente procura genuinamente resolver os problemas do país**», explica uma destacada figura do Bureau Político, que não quis ser identificada, por ver «**numa terra que ainda não se habituou à democracia**».

Jonas Savimbi ainda não está em Luanda e o impeto que há apenas 15 dias levou José Eduardo dos Santos aos banhos de multidão na província parece ter parado. Pelo menos temporariamente. Fala-se de uma viagem ao Bié, bastião da UNITA e província de origem de quase todos os seus dirigentes, a começar por Savimbi. «**Esse é o grande teste**», dizem.

Mas na verdade o grande teste que tarda é o regresso de Jonas Malheiro Savimbi a Luanda.

*com **Gustavo Costa**

D. Matteo Zuppi (mediador sobre Moçambique) ao EXPRESSO

'Seria bom a paz vir em 92'

ENQUANTO os angolanos começam a viver, depois de 30 anos de guerra, os primeiros dias de «convívio **no respeito pelas diferenças**», os seus irmãos moçambicanos continuam, na outra costa africana, à espera da tão sonhada trégua, que, um ano depois do início das conversações de paz entre o Governo e a Renamo, ainda uma «pausa de reflexão» de cerca de três semanas. Pretende-se assim que as duas delegações «**consultam as respectivas cúpulas**», transmitindo-lhes «**os problemas e as sensibilidades**» surgidos nas discussões sobre os «**mecanismos de implementação do multipartidarismo em Moçambique**».

Em entrevista ao EXPRESSO, após a suspensão da sexta ronda de conversações, foi esse o sentimento que Matteo Zuppi deixou transparecer.

EXPRESSO — **Depois de um mês de conversações, em que o Governo moçambicano e a Renamo aprovaram, finalmente, a agenda de trabalhos e iniciaram as discussões** discussões em torno do primeiro ponto — a lei dos partidos políticos. De facto, pela primeira vez desde Julho do ano passado, as duas partes manifestaram finalmente as suas posições sobre um ponto concreto da agenda.

Clima de confiança vai crescendo

ceram às duas partes material de reflexão muito importante, ao possibilitarem-lhes o acesso às razões recíprocas.

EXP. — Qual é o sentimento da mediação quanto ao clima de diálogo entre as duas partes?

M. Z. — Sentimos que, lentamente, o clima de confiança vai crescendo. Depois de **mos em Junho de 1991 e as discussões ainda vão no primeiro ponto de uma agenda carregada. Significa isso que Roma deverá estar preparada para conviver com os moçambicanos até ao fim deste ano?**

M. Z. — É uma pergunta de difícil resposta. Para nós, mediadores, seria bom que 1992 fosse o primeiro ano de uma

Fronteiras em ruptura no Corno de África

AS NOVAS autoridades de Adis Abeba anunciaram que não se irão opor à secessão da província da Eritreia, reafirmando assim o compromisso a que as várias partes em conflito chegaram recentemente nas conversações de paz de Londres. Na Somália, as tribos do Norte esqueceram por uns tempos velhas rivalidades e uniram-se na luta pela independência, unilateralmente declarada em meados de Maio.

No Verão de 1988, Hargeisa e Borau, as duas maiores cidades a norte da Somália, desapareceram literalmente do mapa. Durante dias a fio, a de do Congresso da Somália Unida, no poder em Mogadíscio, declararam a secessão, constituíram um Governo provisório e içaram as bandeiras da nova República Somaliland em todos os edifícios públicos. A Somália criada pelo colonialismo encontra-se, objectivamente, já dividida em dois estados.

Aparentemente, o caminho da província da Eritreia para a independência, na vizinha Etiópia, apresenta-se agora mais pacífico. Juntos no processo que conduziu ao derrube de Mengistu Haile Mariam, a Frente Popular de Libertação da Eritreia (FPLE) e a Frente Democrática Revolucio-

Recepção decepcionante para a UNITA

LUANDA - do nosso enviado
Benjamim Formigo

A MISSÃO de observação da ONU em Angola tem encontrado dificuldades logísticas consideráveis, não havendo até ao momento alojamento para grande parte do seu pessoal. Dificuldades que, de resto, têm sido encontradas pela Comissão Conjunta Político-Militar (CCPM), que esta semana se reuniu formalmente pela primeira vez. A falta de instalações, os representantes do Governo e da UNITA, os mediadores portugueses e os observadores americano e soviético tiveram de se reunir num hotel.

A UNITA, que esta semana regressou a Luanda depois de dela ter sido expulsa pelo MPLA em 1975, teve uma recepção decepcionante. Pouco mais de 500 pessoas aguardaram no aeroporto a delegação oficial daquele movimento à CCPM.

De acordo com Domingos Alfredo, vice-presidente da Associação de Estudantes do Ensino Superior da UNITA, a falta de participação deveu-se «**ao medo que as pessoas têm de mostrar que são da UNITA**». O dirigente estudantil acusou ainda as autoridades de «**bloqueio**». A polícia fizera deslocar para a zona do aeroporto cerca de 100 homens.

Enquanto os manifestantes se acumulavam à entrada da sala do Protocolo de Estado, por entre cartazes de Jonas Savimbi colocados lado a lado com os símbolos do regime, no interior o coronel José Maria, assessor do Presidente Eduardo dos Santos, e outros membros do Governo procuravam resolver com representantes da UNITA questões de segurança ligadas à convocação de um comício que acabou por não se realizar.

O regresso da UNITA a Luanda, pela primeira vez desde 1975, foi decepcionante: no Largo do Soweto juntaram-se escassas 500 simpatizantes do movimento de Jonas Savimbi

Urgência da CCPM

No final da semana, a delegação da UNITA à CCPM deu uma conferência de imprensa acusando o Governo de dificultar a sua actividade política.

Segundo Salopeto Pena, chefe da delegação da UNITA, as autoridades foram responsáveis pelos incidentes ocorridos na terça-feira no mercado Roque Santeiro, onde quatro pessoas perderam a vida. Subinhando que não se tratara de «**tiro ao alvo**» — sugerindo que as mortes tinham sido acidentais — Salopeto sustentou que os tiros surgiram «**após se ouvirem gritos** (palavras de ordem) **da UNITA**». No dia seguinte, segundo a mesma fonte, apareceu morta na mesma área uma quinta pessoa embrulhada numa serapilheira com a inscrição UNITA.

Na conferência de imprensa, Salopeto Pena reivindicou para o seu movimento a proposta de criação das subcomissões militares provisórias. Mas tais subcomissões tinham efectivamente sido criadas por proposta do representante das forças governamentais, durante a reunião do rio Cassondo a que assistiram dois jornalistas portugueses — do EXPRESSO e da Lusa — além de uma jornalista moçambicana e de um colaborador da Voz da América. As subcomissões, delegações regionais de uma comissão militar provisória integrando oficiais de estado-maior dos dois lados, foram propostas pelo coronel Higino Carneiro, chefe de operações das FAPLA, «**para cobrir o hiato de 13 dias que vai desde hoje,** (17 de Maio) **até à assinatura formal dos acordos.**» De facto, lembrou então Higino Carneiro, esses 13 dias não estavam regulamentados, e era necessário criar mecanismos que impedissem que incidentes menores se traduzissem no reacender dos combates.

A manutenção da comissão militar provisória para além da entrada em funcionamento dos mecanismos previstos nos acordos do Estoril, essa sim, foi sugerida há cerca de duas semanas, numa reunião no Sangondo, pelo general Ben-Ben, «**a fim de facilitar o trabalho da CCPM**».

Chivukuvuku, número dois da delegação da UNITA, disse ainda ao EXPRESSO que «**O Governo não controla grupos isolados**» que podem eventualmente «**constituir uma ameaça**». A existência de grupos armados na capital foi a justificação apresentada por Salopeto Pena para a escolta que acompanha sempre a delegação da UNITA. «**O problema não é o Governo. A escolta é apenas uma mensagem para eventuais grupos armados de que se tentarem alguma coisa não vão encontrar pela frente galinhas molhadas**».

Uma fonte da CCPM contactada pelo EXPRESSO manifestou-se procupada com o conteúdo da conferência de imprensa. «**Se há queixas, estas devem ser apresentadas à CCPM. Ao reconhecer o Governo da RPA, a UNITA reconheceu o Estado e o Chefe de Estado angolano. As leis existem e tem de ser respeitadas, mas por a UNITA discordar delas é que se criaram mecanismos que conduzem às eleições. Há uma comissão política na estrutura da CCPM, e se há queixas é nesse âmbito que elas devem ser expostas**».

Fontes diplomáticas sublinharam, por seu turno, que «**a UNITA encontra-se só em Luanda. A delegação é pequena, a campanha eleitoral já começou, e para além de certos limites o Governo não facilita. Temos de compreender que ainda não há dois meses que os dois lados estavam em guerra. A verdade é que o entendimento entre os militares parece ser melhor que entre os políticos**». E o membro da CCPM já citado sublinhava, por outro lado, a necessidade de pôr em funcionamento, «**o mais rapidamente possível, todos os mecanismos de coordenação e verificação previstos nos acordos e fazer avançar a agenda da comissão conjunta, cujos trabalhos estão atrasados**».

África do Sul: a morte sem corpo do 'apartheid'

AS COMEMORAÇÕES do fim do «apartheid» na África do Sul seguiram-se à abolição, na segunda-feira, pelo Parlamento, da Lei do Registo da População (PRA) — o diploma que, durante mais de 40 anos, dividiu os sul-africanos em subgrupos humanos, teoricamente na base da cor da sua pele.

Na prática, as celebrações tiveram pouco significado. A revogação da PRA está a ser a ficar que, por enquanto, o «apartheid» só morreu para os bebés, que já não terão de passar pelo processo de classificação racial. Quanto ao resto, as barreiras raciais continuarão a existir — por exemplo, para os reformados mestiços e negros, cujas pensões são uma fracção das recebidas pelos brancos.

A prova mais evidente de que o «apartheid» continua vivo foi a «vaga» conjunta das sete **todos os sul-africanos foram afectadas nos mais ínfimos pormenores pela legislação de cariz racial».**

Mas, independentemente de eventuais reparos à afirmação do Presidente, há um aspecto que permite dizer que o «apartheid» ficou pelo menos moribundo. Foi com uma satisfação não isenta de um sentimento de vingança que os

«Fico feliz porque os meus tios, que são brancos e membros do Partido Conservador (de extrema-direita), **se tornaram meus iguais»,** declarou o deputado mestiço Jac Rabie, recentemente autorizado a aderir ao Partido Nacional. A avó e um dos tios de Rabie foram classificados de negros, depois de submetidos ao célebre «**teste do lápis**» (um lápis espetado ao cabelo para ver se ficava ou não preso). «**Na minha estupidez**», contou Rabie, «**fui apresentar o bilhete de identidade dela e o meu. A tarde, quando**

O próprio Rabie, classificado como indiano, tinha 18 anos quando descobriu que a mãe, uma empregada doméstica, fora classificada como branca. Nem um nem outro queriam acreditar mas, quando viram bem o bilhete de identidade dela, viram que era verdade. «**Na minha estupidez**», contou Rabie, «**fui apresentar o bilhete de identidade dela e o meu. A tarde, quando**

batatas da terra sem qualquer ferramenta.»

Extinto o Consel... de Defes... e Segura...

COM a extinção do Conselho ... Segurança, órgão de assessoria ... de Ministros, a Presidente ... Santos deu um novo impulso ... superestrutura administrativa ... adaptando-a à nova fase de in... gressiva do poder civil. A pa... passa a existir uma comissão pe... a grande novidade —, deixam ... essa nova estrutura os membr... político do MPLA. Os militan... dicavam um lugar na nova co... também afastados para, segund... angolano, «**se irem começan... à subordinação ao poder civ...**

A criação da comissão p... Conselho de Ministros põe ter... período de atritos inconstitu... várias estruturas de decisão da ... central do Estado e é vista com... «**passo para desmantelar a pe... burocrática que, a partir... dirigia o país**». Os organis... comissão, que poderá vir a s... França Van-Dunen, apontad... primeiro-ministro, passam a ... ministérios do Interior e da A... Território.

Ao primeiro competirá i... «**tima de ordem e tranquil...** ranta ao país, até à realizaç... uma transição pacífica. O se... por Lopo do Nascimento, d... MPLA na Comissão Conjun... tar (CCPM), deverá «**promo... mento eleitoral, assegurar ... cidadãos com capacidade e... assegurar a direcção da ... civil e dos processos eleito...** ção, entretanto, neste novo ... lho de Ministros, do Banco ... levantado algumas interroga... do alguns economistas a sua... Ministério das Finanças, com... sável pela execução da poli...

Por outro lado, fustigado ... por duras críticas de certa ... ministro da Informação, Ru... propõe a agir «**sem ambig... portamento**», defendeu um... **distante**» do seu ministé... «**partidos políticos**», no ... «**dinâmica informativa q... acordos de paz e uma pa...**

integrado no espaço de referência do
rangeiros, o mercado. Imobiliária
conhecer preços cada vez mais
na Comunidade.

CONFORTO
de S. JOÃO
ENTREGA IMEDIATA
a Caparica
bem gosta do sossego e do ar livre
das mais seleccionadas praias da Cos
segurar a plena plumbes.
anos à pé e de bicicleta.
os preferidos: golfe, equitação, tén
de T0 a T3, com espaçosas salas
sagens desluxbranes
acabamentos de 1ª categoria
néticos e quartos com roupeiro
as a ginásio colectivo
porta de entrada, recepção de porteir
a total bem estar e segurança.
ice de ocupação, a dois passos de Lisb
into, ou casa de férias!
na superior qualidade.
do telefone 290 68 51
ab
Mediadora Imobiliária, Lda
Rua Rodrigues Sampaio, 62, 1º Tel. 68 68 04 - Fax 68

...reféns ... ameaça de saber quem anda em Teerão e na Jihad Islâmica
Pág. 8

... a cabeça de De Klerk e Madagáscar é uma ilha à beira da guerra civil
Pág. 9

... de independência. O futuro decide-se no princípio da semana
Pág. 3

... todos a meio da semana
Pág. 6

A 1991 17 DE AGOSTO DE 1991
Expresso
internacional
CADERNO B

SOLUÇÕES
INFORGAL
com
SISTEMAS AIX
IBM RISC System/6000
IBM

ANGOLA

A batalha do abastecimento

Gustavo Costa
em Luanda

UMA operação de grande envergadura avaliada em mil milhões de dólares começou este mês a ser posta em marcha visando a regularização do abastecimento à população de Angola (ainda em guerra) e EXPRESSO juntou-se a uma fonte governamental.

O produtos que se reparte(m) entre alimentação, vestuário, calçado e matérias-primas para o arranque definitivo da indústria nacional, começaram a chegar aos portos de Luanda, Lobito, Namibe e Cabinda, que neste momento registam um grande movimento de cargas e descargas de mercadorias. Desde já parecem estar assegurados cerca de 600 milhões de dólares em linhas de crédito para os circuitos correspondentes com o Banco Nacional de Angola, garantindo-se que os comércios de bens privados angolanos e estrangeiros que se responsabilizarão pelo abastecimento das 18 províncias do país.

Embora alguns círculos da oposição pretendam associar esta operação a uma tentativa de reabilitação da imagem do regime, uma fonte oficial garantiu ao EXPRESSO não existir qualquer ligação deste plano com a campanha eleitoral do MPLA. «**Este novo esforço financeiro engloba-se numa operação de abastecimento de emergência, visando pôr fim a 16 anos de comércio administrativo decorrentes da guerra**», disse a fonte.

De acordo com um perito do comércio, a emergência deste programa constitui, na verdade, um derradeiro desafio de justificação indesculpável para o Governo que «**se mostra aberto à participação de agentes económicos privados angolanos e estrangeiros desde que tenham capacidade para agenciar financiamentos sem recurso às linhas de crédito do Banco de Angola**». A região sul do país, que compreende as províncias de Huíla, Cunene e Namibe, será abastecida a partir da Namibia com a venda de petróleo àquele país pela Sacilda — uma empresa Angolana de comércio externo filiada em Windhoek. Segundo uma fonte do Banco de Angola, a Finnurba, uma firma do empresário português Vítor Alves interpretou, entretanto, financiamentos a Portugal, Espanha e EUA no valor de 300 milhões de dólares destinados a abastecer a zona centro com produtos alimentares, de higiene, vestuário, medicamentos.

Grupos privados no abastecimento

Outros novos financiamentos deverão ser garantidos para a mesma região para a aquisição de matérias-primas que permitam assegurar um funcionamento ininterrupto da indústria local.

A Sociedade Portuguesa de Empreendimentos com uma linha de crédito de 100 milhões de dólares vai, por seu turno, cobrir as diversas necessidades das populações de Luanda, Benguela e Kuanza sul, enquanto à firma angolana dde Mabilo de Albuquerque foi atribuído o abastecimento a Malange e Kuanza norte. O grupo Pão de Açúcar, segundo soubemos junto do Ministério do Comércio, retomará em grande escala a sua actividade em Angola ao ser-lhe concedida a liderança do abastecimento comercial à zona diamantífera de Lunda norte e a gestão de uma gigantesca rede de supermercados.

Neste momento parecem estar também já assegurados os financiamentos para a exploração e abastecimento da zona norte do Uije e Zaire pelo consórcio angolano-italiano Intermarket e da Vesper, uma empresa de capitais luso-angolana, na província de Cabinda. O fornecimento em massa de carne e frangos será, paralelamente ao plano nacional, garantido pelo empresário nigeriano Giv Fernandez que financiará a compra daqueles produtos no mercado irlandês em troca de compensações de petróleo avaliadas em 10 mil barris.

Por outro lado, cerca de 600 autocarros para o transporte de pessoas e bens começarm a chegar ao país enquadrados na organização de uma nova rede de transportes que compreenderá a recuperação de camiões das forças armadas a cargo da firma portuguesa Tecnocarro.

Todo este esforço deverá, entretanto, culminar com a unificação do abastecimento civil e militar na sequência do desmantelamento progressivo dos dois exércitos beligerantes e da «gradual normalização da vida civil em Angola». Um perito do Ministério das Finanças advertiu, no entanto, que este plano só terá impacto junto do eleitorado «**se se eliminar o círculo vicioso das sobrefacturações através de operações credíveis, com preços concorrenciais no mercado internacional e se as 'comissões' forem usadas na concretização de um planos de grande envergadura para o reenquadramento social dos mutilados, viúvas e órfãos de guerra e de diversas obras sociais**». «**Estamos perante uma maratona de votos e o voto alimentar poderá ser decisivo no desfecho final do primeiro escrutínio eleitoral em Angola**» — ironizou um antigo militante do MPLA, hoje na oposição.

COM RAJADAS de vento de 70 a 80 quilómetros por hora, algumas acima dos 110, o tufão «Fred» marcou, na quinta-feira a ontem, a sua passagem pelas regiões de Macau e Hong Kong. Macau ficou praticamente paralisado no princípio da tarde de anteontem, com o encerramento de serviços públicos não essenciais, estabelecimentos comerciais, infantários, casas de espectáculos e suspensão de transportes públicos. Em Hong Kong toda a actividade comercial esteve praticamente paralizada. Ao longo da costa houve alerta geral e os navios tiveram de recolher aos portos. Embora não tenha havido notícias de estragos generalizados, numa zona onde os tufões são frequentes nesta altura do ano, os estragos numa plataforma petrolífera, no mar do Sul da China (na foto), em Singapura, alguns dos trabalhadores foram atirados ao mar e tiveram de ser recolhidos de helicóptero. Na ocasião o tufão «Fred» ainda não tinha atingido o máximo da sua violência o que possibilitou o socorro dos trabalhadores com helicopteros

Soldados recolhem aos quartéis

FUZO indicava ontem que o início do acantonamento dos dois exércitos rivais angolanos só irá finalmente iniciar-se nas próximas horas.

Ultrapassados os problemas logísticos que obrigaram ao alargamento do calendário para lá de um mês, Governo angolano e UNITA chegaram a acordo sobre dois novos locais onde tropas do movimento de Jonas Savimbi ficarão acantonadas já que as localizações inicialmente escolhidas por este movimento dos dois locais eram inviáveis à logística e à verificação.

Do mesmo modo, a troca de prisioneiros deverá ser retomada a curto prazo. A Cruz Vermelha entrevistou já os cerca de 900 homens da UNITA em poder do Exército governamental e os 400 em poder da UNITA. Segundo uma fonte ligada ao processo tem-se verificado que «**muitos dos que estão na área controlada pela UNITA já estabeleceram laços familiares e não querem regressar a Luanda, como também se tem constatado que dos que estão em poder do Governo a maioria quer regressar às suas terras de origem, às famílias**». A acusação feita pelo Governo, de que o movimento de Jonas Savimbi não tinha declarado na lista de prisioneiros pessoas que se encontravam a viver em liberdade na área da Jamba, ficou também ultrapassada com a criação de uma comissão no âmbito da Cruz Vermelha que numa segunda fase irá entrevistar esse grupo de ex-militares governamentais.

Entretanto, e para evitar mal- entendidos, os prisioneiros dos dois lados já entrevistados pela CVI serão reentrevistados por uma segunda comissão integrando representantes do Governo e da UNITA bem como dos observadores portugues, norte-americano e soviético e da CVI. «**Caso nesta segunda entrevista alguem mude de ideia então será submetido a uma terceira entrevista pela Cruz Vermelha e essa será definitiva**», disse ao EXPRESSO uma fonte, ligada à troca de prisioneiros.

A guerra de propaganda entre os dois lados não se tem estado a reflectir nos trabalhos da CCPM, que neste momento reúne semanalmente, às terças-feiras, para avaliaro trabalho e as propostas das restantes comissões.

A Comissão Mista de Verificação conheceu uma aceleração nos seus trabalhos e esa actividade irá ainda intensificar-se logo que comece o acantonamento de tropas. Uma questão considerada essencial para acabar com «**pequenos incidentes, de género de o governador de uma provincia querer visitar um municipio e não poder por estar sob controlo da UNITA ou de a UNITA querer passar num posto de controlo e ser impedida pelo Exército. Só depois do acantonamento será possível passar à fase de extensão da administração central a todo o território, o que tem sido uma das queixas do Governo**», comentou uma fonte da CCPM. Segundo a mesma fonte, não tem havido quaisquer incidentes «**graves ou não entre militares dos dois lados**». As subcomissões provinciais criadas em Maio para preencher o vácuo entre 15 de Maio e a entrada formal em vigor do cessar-fogo, a 1 de Junho, têm estado a funcionar bem e a ser integradas nas Comissões Mistas de Verificação do Cessar-Fogo.

ONU à espera dos reféns

Frelimo dá luz verde a acções militares

Fernando Lima
em Maputo

central dos debates, que decorrem desde o início da semana à porta fechada, na

dependência ou mesmo os Acordos de Lusaka», assinados com Portugal.

ao andamento das conversações em Roma e encorajando os delegados a exigirem um

uma metodologia para alcançar um cessar-fogo entre as duas partes.

Nairobi, a Renamo disse esta semana que a deslocação de Dlakhama foi comprometida por sucessivos bombardea-

«**Aparentemente, a Administração americana está a endurecer as suas posições em relação a Afonso Dlak-**